

Representações Sociais das Pessoas Mais Velhas – O Caso da Imprensa Escrita Portuguesa

Cátia Sofia Fernandes Coelho

Orientadora: Professora Doutora Stella Bettencourt da Câmara

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Gerontologia Social

Lisboa
2019

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

Representações Sociais das Pessoas Mais Velhas – O Caso da Imprensa Escrita Portuguesa

Cátia Sofia Fernandes Coelho

Orientadora: Prof. Doutora Stella Bettencourt da Câmara

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Gerontologia Social

Júri:

Presidente:

- Doutora Ana Maria Alexandre Fernandes, Professora Catedrática do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

- Doutora Stella Margarida de Oliveira António Bettencourt da Câmara, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de orientadora;

- Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Lisboa
2019

Agradecimentos

Começo por agradecer à Professora Stella Bettencourt da Câmara que me acompanhou ao longo da realização da presente dissertação, por toda a orientação, apoio, disponibilidade, acompanhamento e saber que me foi transmitindo e que culminaram neste resultado final.

Aos meus pais por todo o apoio que continuamente me dão, por toda a calma que me transmitiram e por tudo o que fazem por mim, sem eles este percurso não teria sido possível.

Às minhas grandes amigas que tão grata sou ao ISCSP por tê-las colocado na minha vida, por todo o apoio e incentivo não só nestes últimos dois anos, como nos anteriores, e pela sua amizade que cada uma à sua maneira enriquece a minha vida.

Resumo

A presente dissertação teve como principal objetivo analisar as representações sociais das pessoas mais velhas, bem como os estereótipos e as atitudes sobre as mesmas na imprensa escrita portuguesa, nomeadamente nos jornais, entre os anos de 2014 e 2017. Sendo os jornais um dos *mass media* mais presentes na nossa sociedade como transmissores de informação e de conhecimento, destaca-se a sua relevância no estudo das representações sociais das pessoas mais velhas na imprensa escrita. Para esta investigação foi utilizada uma base de dados proveniente do projeto de investigação “Representações mediáticas de públicos sensíveis”, registado no Centro de Investigação CAPP do ISCSP-UL, denominado de “Públicos sensíveis na imprensa”. A partir desta, foram analisados quantitativamente aspetos como o número de notícias por jornal, o local da história, o assunto, o enfoque da notícia, entre outros. Posteriormente foi criada, a partir desta mesma base de dados, uma amostra probabilística de 30 notícias que foi analisada através da análise de conteúdo com o intuito de identificar estereótipos e atitudes. Foram também analisadas as representações sociais das pessoas mais velhas. Destacaram-se um maior número de estereótipos negativos em comparação com o número de estereótipos positivos. Bem como nas atitudes, onde foram identificadas mais atitudes negativas do que positivas. Tanto na categoria dos estereótipos como nas atitudes, foi no aspeto social que correspondiam o maior número de identificações. Relativamente às representações sociais das pessoas mais velhas foram consideradas como negativas.

Palavras-chave: representações sociais, estereótipos, atitudes, pessoas mais velhas, imprensa escrita

Abstract

This dissertation aimed to analyze the social representations of older people, as well as the stereotypes and attitudes about them in the Portuguese written press, particularly in newspapers, between 2014 and 2017. Since newspapers are one of the most present mass media in our society as transmitters of information and knowledge, its relevance in the study of the social representations of older people in the written press stands out. For this research it was used a database from the research project “Media Representations of Sensitive Audiences”, registered at the ISCSP-UL CAPP Research Center, called “Sensitive Audiences in the Press”. From this were analyzed quantitatively aspects such as the number of news per newspaper, the place of the story, the subject, the focus of the news, among others. Subsequently, from this same database, a probabilistic sample of 30 news was created and then analyzed through content analysis in order to identify negative or positive stereotypes and attitudes of biological, psychological and social aspects. The social representations of older people were also analyzed. A greater number of negative stereotypes stood out compared to the number of positive stereotypes. As well as attitudes, where more negative than positive attitudes were identified. Both in the category of stereotypes and attitudes, it was the social aspect that corresponded to the largest number of identifications. Regarding social representations of older people were considered as negative.

Keywords: social representations, stereotypes, attitudes, older people, written press

Índice Geral

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Índice Geral	vi
Índice de Tabelas	viii
Índice de Gráficos.....	ix
Índice de Figuras	x
Índice de Apêndices.....	xi
Introdução	1
Capítulo 1: Enquadramento Teórico e Conceptual	3
1 – O processo de envelhecimento	4
1.1 – Gerontologia Social como ciência.....	4
1.2 – Perspetivas do Envelhecimento: envelhecimento individual vs. envelhecimento demográfico.....	5
2 – Representações sociais	8
2.1 – Operacionalização do conceito de representação social.....	8
2.2 – Processos de formação das representações sociais.....	11
3 – Idadismo/idosismo, atitudes e estereótipos: operacionalização de conceitos.....	13
3.1 – Idadismo/idosismo	13
3.2 – Atitudes	15
3.3 – Estereótipos	17
4 – Estado de arte: idosismo e representações sociais das pessoas mais velhas	19
4.1 – Estudos empíricos sobre o idosismo	19
4.2 – Estudos empíricos sobre as representações sociais das pessoas mais velhas	21
5 – Os <i>media</i>	24
5.1 – Os diferentes <i>media</i> e sua evolução - o caso específico da imprensa escrita	24

5.2 – O papel e a relevância dos meios de comunicação (<i>media</i>)	25
6 – Perspetivas Teóricas: a Perspetiva da Estratificação Etária e a Teoria das Representações Sociais.....	25
6.1 – Perspetiva da Estratificação Etária.....	25
6.2 – Teoria das Representações Sociais.....	28
Capítulo 2: Metodologia de Investigação	29
1.1 – Pergunta de partida.....	30
1.2 – Objetivos da pesquisa.....	30
1.3 – Métodos e técnica de investigação	30
1.4 – Estratégias de análise de dados	32
1.5 – Definição da amostra.....	34
2 – Apresentação e análise dos resultados.....	35
2.1 – Análise da informação por secções	35
2.1.1 – Secção 1: informação básica	35
2.1.2 – Secção 2: organização editorial.....	38
2.1.3 – Secção 3: conteúdo: acontecimentos e contextos	43
2.1.4 – Associação entre variáveis	46
2.2 – Análise e discussão dos resultados provenientes das 30 notícias seleccionadas.....	48
Conclusão	56
Referências bibliográficas	58
Apêndices	67

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Tabela-síntese de três estudos realizados em Portugal.....	20
Tabela 2 – Tabela síntese de estudos sobre as representações sociais das pessoas mais velhas nos meios de comunicação.....	21
Tabela 3 – Distribuição das notícias sobre as pessoas mais velhas por mês.....	36
Tabela 4 – Enfatização das notícias sobre as pessoas mais velhas	38
Tabela 5 – Secção do jornal	38
Tabela 6 – Formato do conteúdo	39
Tabela 7 – Continuidade da notícia sobre a pessoa mais velha	41
Tabela 8 – Voz	42
Tabela 9 – Género do jornalista/ repórter/ autor editorial	42
Tabela 10 – Local da notícia.....	45
Tabela 11 – Secção das notícias da amostra	49
Tabela 12 – Formato do conteúdo das notícias da amostra.....	50

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Nome do jornal.....	36
Gráfico 2 – Percentagem de notícias sobre as pessoas mais velhas por dia	37
Gráfico 3 – Percentagem de notícias sobre as pessoas mais velhas por ano de publicação.....	37
Gráfico 4 – Foto/ilustração	39
Gráfico 5 – Assuntos das notícias sobre as pessoas mais velhas	40
Gráfico 6 – Protagonismo	41
Gráfico 7 – Género do protagonista.....	43
Gráfico 8 – Idade do protagonista.....	44
Gráfico 9 – Atributo.....	44
Gráfico 10 – Fonte.....	45
Gráfico 11 – Direção/enfoque.....	46

Índice de Figuras

Figura 1 – Representação esquemática da sociogénese das representações sociais.....	12
---	----

Índice de Apêndices

Apêndice 1 – Grelha de Análise.....	67
Apêndice 2 – Tabela de contingência do meio e direção/enfoque.....	74
Apêndice 3 – Tabela de contingência do género do protagonista e direção/enfoque.....	75
Apêndice 4 – Tabela de contingência do meio e género do protagonista.....	76

Introdução

A população mundial tem vindo a aumentar significativamente. Atualmente encontra-se aproximadamente nos 7,7 mil milhões de pessoas, sendo que a Organização das Nações Unidas estima que em 2100 seremos 10,9 mil milhões (United Nations, 2019). E verifica-se também o aumento da população mais idosa onde é previsto que, a nível mundial, esta seja de 1,4 mil milhões em 2030 e de 2,1 mil milhões em 2050 com a possibilidade de chegar aos 3,1 mil milhões em 2100 (Nações Unidas, 2017). Assim, e com aumento da esperança de vida, as “pessoas com mais de 65 anos, não só tendem a ser proporcionalmente em maior número como vivem durante mais tempo” (Fernandes, 1997, p. 1).

O aumento quantitativo do número de pessoas mais velhas¹ pode ver-se pelo índice de envelhecimento, que “é o número de pessoas com 65 e mais anos por cada 100 pessoas menores de 15 anos. Um valor inferior a 100 significa que há menos idosos do que jovens.” (PORDATA, 2018a). Em Portugal comprova-se o aumento da população mais velha já que em 2001 este índice era de 101,6 e em 2017 de 153,2. Através destes dados constata-se o real aumento da população mais velha destacando-se deste modo a importância dos diversos temas relacionados com o processo de envelhecimento e das pessoas mais velhas. Tem-se para esse fim a disciplina científica da Gerontologia Social como base para este estudo.

Escolheu-se como temática da presente dissertação as representações sociais das pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa, nomeadamente em jornais. Este é um tema relevante na área da Gerontologia Social, uma vez que, as representações sociais são um fenómeno intrínseco nas sociedades e através delas percecionamos e categorizamos os outros, o que faz com que a sua transmissão, de forma positiva ou negativa, influencie os indivíduos e a sociedade. “O interesse do estudo sobre estes temas fundamenta-se na suposição de que os meios de comunicação de massa têm, de alguma forma, influência nas atitudes, opiniões e comportamentos” (Silva, 2009, p. 127). Tanto “os jornais e a televisão têm uma larga influência nas nossas experiências e na opinião pública, não apenas por afetarem as nossas atitudes de várias formas, mas também porque são meios de acesso aos conhecimentos de que dependem muitas das nossas atividades sociais” (Giddens, 2010a, p. 456).

¹ No presente caso vão ser consideradas pessoas mais velhas todos os indivíduos com 65 e mais anos.

Como constatou Robert Butler “Não crescemos todos brancos ou negros, mas todos envelhecemos.” (Butler, 1969, p. 246), ou seja, todos vamos envelhecer o que faz com que estejamos suscetíveis à discriminação tendo em conta a idade mais avançada que teremos (idosismo). Assim, este estudo das representações sociais é relevante na sociedade atual em que nos encontramos e considera-se que irá contribuir para uma melhor compreensão deste tema.

A presente dissertação vai estar dividida em dois capítulos: o Capítulo 1, que consiste no enquadramento teórico e conceptual e o Capítulo 2 que se dedica à metodologia de investigação. O Capítulo 1 divide-se em seis pontos. O primeiro começa por fazer uma descrição do percurso realizado para a implementação da Gerontologia Social como ciência e de seguida foi feita uma diferenciação entre envelhecimento individual e demográfico, exemplificando cada um deles. O segundo ponto, é dedicado às representações sociais fazendo uma operacionalização do conceito e referindo os processos de formação destas mesmas representações. O terceiro ponto consiste numa operacionalização dos conceitos de idadismo, atitudes e estereótipos. De seguida, no quarto ponto encontra-se o estado de arte e o quinto ponto é dedicado aos *media* e à sua importância nas sociedades atuais. No sexto ponto encontram-se as perspetivas teóricas de base para o presente trabalho de investigação. O Capítulo 2, que como mencionado vai ser dedicado à metodologia de investigação, divide-se em dois pontos. O primeiro ponto é composto pela pergunta de partida, objetivos de pesquisa, métodos e técnica de investigação, a estratégia de análise de dados e a definição da amostra. No segundo ponto encontra-se a apresentação e discussão dos resultados. Por fim, é dedicado um ponto para as principais conclusões retiradas de todo o estudo realizado.



Capítulo 1:

Enquadramento Teórico e Conceptual

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico e Conceptual

1 – O processo de envelhecimento

1.1 – Gerontologia Social como ciência

O termo Gerontologia “deriva do vocábulo grego *geron* (geronte ou mais velho), acrescentado do sufixo *logos* (ciência ou ramo do conhecimento)” (Birren, 1996, p. 655, col. 2 *cit. in* Bettencourt da Câmara, 2015, p. 21) e foi usado pela primeira vez em 1903 por Elie Metchnikoff na sua obra *Études sur la nature humaine. Essai de Philosophie Optimiste* (Bettencourt da Câmara, 2015). Esta é uma ciência interdisciplinar, pois devido aos seus objetos de estudo, necessita de outras que a auxiliem de modo a abranger todos os aspetos a ela inerentes. Socorre-se de várias outras ciências como as ciências biológicas, as ciências psicológicas e por fim as ciências sociais, tendo-se como exemplo, respetivamente a Medicina, a Sociologia e a Psicologia Social, entre outras.

Desde o início da história da humanidade que o tema do envelhecimento e das pessoas mais velhas vem a ser tratado e discutido por diversos meios, mas só apenas no século XX é que a Gerontologia e a Gerontologia Social começaram a ser tidas como ciências (Bettencourt da Câmara, 2015). “A Gerontologia, como disciplina científica, deve ser abordada tanto desde uma perspetiva básica como aplicada, deve responder às necessidades dos três objetos de conhecimento (o envelhecimento, a velhice e as pessoas mais velhas), assim como os temas a tratar devem ser abordados multidisciplinarmente” (Fernández-Ballesteros, 2013, p. XV).

“A história recente da Gerontologia data do fim da Segunda Guerra Mundial, com a criação da *Gerontological Society of America* (GSA) em 1945 e um corpo crescente de gerontólogos e de publicações científicas que continuam a aumentar desde então” (Paúl, 2013, p. 1). Antes disto e também nos Estados Unidos da América foi criado em 1928 o primeiro laboratório com a finalidade de estudar o envelhecimento (no departamento de Psicologia da Universidade de Stanford) e uns anos mais tarde surgiu o seminal *Problems of ageing* que é considerado o primeiro tratado de gerontologia, pois foram abordados os aspetos médicos e físicos relativos à idade, bem como os psicológicos e sociais (Park, 2008, p. 529; Fernández-Ballesteros, 2004, p. 33 *cit. in* Bettencourt da Câmara, 2015).

Foi então com a criação da *Gerontological Society* que em 1948 Edward Stiglitz propôs quais seriam as áreas da Gerontologia. Tinha-se então a Medicina Geriátrica, a Biologia da Senescência e a Gerontologia Social (Bettencourt da Câmara, 2015). Mais

tarde, em 1986, o *Journal of Gerontology* muda de nome, para *The Journals of Gerontology* e divide-se na série A e B, sendo a primeira mais direcionada para as ciências médicas e biológicas e a série B para as ciências psicológicas e sociais. Esta distinção veio reafirmar a importância das ciências sociais na área da Gerontologia. A juntar a esta mudança seguiram-se outras como a criação de novas associações, desenvolvimento de estudos e criação de áreas académicas especializadas. Considera-se que “quanto à sua classificação a gerontologia pode ser distinguida em dois tipos: a básica e a social. A primeira, a básica, estuda o processo de envelhecimento sob o prisma biofisiológico, genético, imunológico e aos níveis celular e subcelular. A segunda, a social, compreende o estudo das relações recíprocas entre o indivíduo e a sociedade (Gomes e Ferreira, 1985 in Zimmerman 2007:15)” (Bettencourt da Câmara, 2015, p. 401).

Com o destaque dado às ciências sociais surgiu o termo Gerontologia Social usado pela primeira vez em 1960 por Clark Tibbits, na sua obra *Social Gerontology* (Rodrigues & Terra, 2006, p. 27; Fernández-Ballesteros, 2004, p. 35 cit. in Bettencourt da Câmara, 2015). A Gerontologia Social dedica-se ao estudo dos aspetos sociais que têm influência no processo de envelhecimento dos indivíduos. A ela juntam-se a Gerontologia Experimental, relacionada com a parte de investigação de modo a aumentar o conhecimento sobre o objeto de estudo, e a Gerontologia Clínica, mais relacionada com os aspetos das doenças e incapacidades e com formas de prevenção e planos de ação para que as pessoas envelheçam com a maior autonomia e independência possíveis.

A Gerontologia Social pode então definir-se como a ciência que estuda as alterações biológicas, psicológicas e sociais que ocorrem nos indivíduos. Atualmente, e nos próximos anos, esta pode ter um papel ativo nas sociedades, uma vez que, com o aumento do quantitativo de pessoas mais velhas que se tornou uma realidade em todo o mundo tornou-se imprescindível a importância da Gerontologia Social, como a ciência que auxilia na compreensão de todas as mudanças advindas do processo de envelhecimento, desafios que ocorrem neste mesmo processo e no estudo das atitudes sobre as pessoas mais velhas, entre outros.

1.2 – Perspetivas do Envelhecimento: envelhecimento individual vs. envelhecimento demográfico

O envelhecimento é um processo que ocorre desde o nascimento até à morte do indivíduo e a ele estão associadas alterações quer a nível morfológico, funcional,

bioquímico e psicológico. É importante fazer uma diferenciação entre envelhecimento individual e envelhecimento demográfico. Segundo António (2012) o envelhecimento individual está relacionado com as alterações que advêm do processo de envelhecimento a três níveis, o biológico, o psicológico e o social de cada indivíduo. O envelhecimento demográfico “refere-se às alterações da estrutura etária da sociedade que se traduz pelo acréscimo, quer relativo, quer absoluto das pessoas com 65 e mais anos de idade no total da população” (António, 2012, p. 141). Ou seja, o envelhecimento individual é aquele que cada pessoa vivencia ao longo da sua vida e depende dos componentes biológico, psicológico e social que fazem com que cada pessoa tenha o seu próprio envelhecimento, fazendo deste um processo heterogéneo.

A nível demográfico, o envelhecimento, está relacionado com o aumento quantitativo do número de pessoas mais velhas. Para fins estatísticos é feita uma classificação das pessoas tendo por base a sua idade cronológica. É feita uma divisão por três grandes grupos etários sendo os jovens com idades entre os 0 e os 14 anos, pessoas em idade ativa entre os 15 e os 64 anos e por último “consideram-se pessoas idosas os homens e as mulheres com idade igual ou superior a 65 anos” (INE, 2002, p. 10). As notícias a serem analisadas no presente trabalho de investigação vão incidir sobre este último grupo etário.

O aumento do número de pessoas mais velhas começou a notar-se, na Europa, a partir da segunda metade do século XVIII com uma queda acentuada da taxa de mortalidade (segunda fase da Transição Demográfica) devido à melhoria das condições de higiene e de saúde (Nazareth, 2004) e também a melhorias das condições económicas com o crescimento dos rendimentos e acesso a bens de outros lugares que permitiram uma maior diversificação na alimentação. De seguida (terceira fase da Transição Demográfica) deu-se um declínio da fecundidade devido a novos meios que começaram a ser usados para o controlo da mesma.

Esta conjugação dos dois fatores, diminuição da mortalidade e da fecundidade, e também com o aumento da esperança de vida, faz com que exista uma população cada vez mais velha. A esperança de vida teve um aumento como consequência da diminuição da mortalidade infantil e melhorias nas condições de saúde através de um maior acesso a medicamentos e tratamentos preventivos. Em 1960, em Portugal, a esperança de vida nos homens era de 60,7 anos e nas mulheres de 66,4 anos. Em 2017 este número passou para 77,8 anos nos homens e 83,4 anos nas mulheres (PORDATA, 2019a), notando-se um

acréscimo significativo do número de anos de vida. Destaca-se com estes números que as mulheres vivem mais anos do que os homens o que demonstra uma feminização do envelhecimento, mas isso não significa que vivam esses anos com saúde. Através dos dados fornecidos pelo PORDATA (2019b) em Portugal, em 2017, era esperado que uma mulher com 65 anos vivesse 6,7 anos em condições de vida saudáveis e os homens 7,9 anos de vida saudáveis. Esta condição de vida saudável “é definida pela ausência de limitações funcionais/incapacidade” (PORDATA, 2019b) e pelos dados acima apresentados comprova-se que apesar de as mulheres viverem mais anos do que os homens, vivem menos anos que estes com uma vida saudável.

Em conjunto com os fluxos migratórios que também contribuem para este envelhecimento demográfico, uma vez que, os mais jovens ao saírem para procurar oportunidades de trabalho e melhores condições de vida fica em maior número no nosso país a população mais envelhecida. Com esta nova realidade vão surgir novas questões relacionados com, por exemplo, as áreas da saúde e da segurança social pela (in)sustentabilidade do sistema nacional de saúde e das pensões e das políticas públicas.

Ao nível do envelhecimento individual, este divide-se em envelhecimento biológico, envelhecimento psicológico e envelhecimento social. O primeiro decorre da diminuição da funcionalidade do nosso organismo e é influenciado por fatores intrínsecos, como a constituição genética de cada pessoa, e por fatores extrínsecos, como as condicionantes ambientais, sociais, os estilos de vida ou o tipo de trabalho, entre outros. Ocorrem alterações a nível fisiológico como, por exemplo, uma perda estrutural com uma inclinação da coluna para a frente, a diminuição do paladar e do olfato e “o envelhecimento dos tecidos surge em relação com os fenómenos de envelhecimento das células que os compõem.” (Almeida, 2013, p. 29).

Em relação ao envelhecimento psicológico este diz respeito às alterações que ocorrem ao longo do tempo das funções psicológicas, como a atenção, a memória, a aprendizagem, a personalidade e outros (Bettencourt da Câmara, 2015). De acordo com Fonseca (2013), ao longo do processo de envelhecimento, a nível psicológico ocorrem ajustamentos do indivíduo face às suas próprias mudanças consequentes de alterações corporais, cognitivas e emocionais, expectativas sociais, relações interpessoais, alterações familiares, profissionais e na rede de relações.

Relativamente ao envelhecimento social, este está relacionado, por exemplo, com alterações nos papéis sociais, “alterações na família, as condições de trabalho, a reforma,

a viuvez, ou a solidão” (Bettencourt da Câmara, 2015, p. 401), ou seja, todas as questões que estejam relacionados com aspetos sociais. Tem-se o exemplo da entrada na reforma, um período de transição, onde a pessoa passa de ter um horário fixo a cumprir e tarefas diárias para um tempo, à partida, sem nada definido. É neste sentido que uma preparação para a reforma é algo essencial. Tem-se, deste modo, neste período uma transição nos papéis sociais onde “os papéis sociais dentro da vida familiar adquirem, por isso, outra importância num contexto de reforma” (Fernandes, 1997, p. 17). É esta uma das áreas de enfoque de estudo da Gerontologia Social.

2 – Representações sociais

2.1 – Operacionalização do conceito de representação social

As representações sociais têm a sua origem no século XIX e o seu estudo foi inicialmente desenvolvido nas áreas da Sociologia e da Antropologia (Moscovici, 1999). Apesar disso, esta denominação como hoje a conhecemos só surge um século depois através de Serge Moscovici, com a sua tese de doutoramento, *La Psychanalyse: son image et son public* publicada em 1961. A origem das representações sociais ocorreu através de Émile Durkheim que propôs o conceito de representações coletivas. Durkheim propôs o conceito de representação, em que este, se referia “acima de tudo a uma vasta classe de formas intelectuais: ciência, religião, mitos, categorias de espaço e tempo” (Moscovici, 1988, p. 218). O autor inclui, também, no conceito de representação coletiva, ideias, emoções e crenças presentes dentro de uma sociedade, tornando-as deste modo muito heterogéneas e difíceis de definir apenas com algumas características gerais (Moscovici, 2000). Durkheim possuía uma visão positivista onde a sociedade exercia poder nos indivíduos sendo que as representações coletivas atuavam de modo a coagi-los de maneira a atuarem em determinado sentido (Minayo, 1999). É então, segundo esta perspetiva, através das representações coletivas que “determinada sociedade elabora e expressa sua realidade” (Minayo, 1999, p. 90).

Outros autores na área da Sociologia estudaram este tema, tais como Weber e Marx. “Segundo Weber, as ideias (ou representações sociais) são juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem” (Minayo, 1999, p. 93). O autor via as representações sociais como um quadro de referência em que esse conhecimento comum poderia antecipar os comportamentos dos indivíduos (Rateau,

Moliner, Guimelli & Abric, 2012). Outra perspetiva em relação a este assunto é a de Marx que considerava que as representações sociais resultavam da consciência (esta que é um produto social) que é determinada pela parte material (Minayo, 1999). Com este pensamento o autor considerava esta relação entre as diferentes classes e as ideias (representações sociais), não de uma forma determinista, mas como uma relação dialética.

Outra das áreas em que o estudo das representações continuou a ser feito foi na Psicologia Social. Na Psicologia Social a preocupação do estudo era “somente com a estrutura e com as dinâmicas das representações” (Moscovici, 2000, p. 30). Foi devido a isto que Moscovici (2000) propôs que as representações sociais deixassem de ser vistas como um conceito e passassem a ser consideradas como um fenómeno. O autor foi e continua a ser uma grande referência no estudo do tema. Em relação à definição de Durkheim, que para Moscovici, tentava incluir muita coisa nesta mesma, o autor adiciona duas qualificações ao conceito (Moscovici, 2000). Em primeiro lugar, que as representações sociais deviam ser vistas como uma forma de compreender e comunicar o que cada um já sabe e em segundo lugar, que a definição não deveria ser tão estática como foi descrita. Moscovici muda o termo de representações coletivas para sociais, pois considerava que nas sociedades modernas era o mais adequado, uma vez que, o estudo de Durkheim foi feito em sociedades menos complexas (Farr, 1999).

Sendo as representações sociais o tema central da presente investigação é necessário adotar uma definição deste conceito que sirva de guia para a investigação a realizar. Deste modo, adota-se o conceito de representações sociais de que estas “dizem respeito ao conteúdo do pensamento cotidiano e ao *stock* de ideias que dão coerência às nossas crenças religiosas, ideias políticas e às conexões que criamos tão espontaneamente como respiramos” (Moscovici, 1988, p. 214). Atribuímos significados e percecionamos o mundo através delas, são transmitidas através da socialização e diferem do tempo e sociedade em que se encontram sendo através delas que se interioriza tudo o que está presente ao nosso redor. Estas “tornam possível para nós classificar pessoas e objetos, para comparar e explicar comportamentos e objetificá-los como partes do nosso ambiente social” (Moscovici, 1988, p. 214).

No seu estudo sobre as representações da psicanálise Moscovici começou por realizar questionários e entrevistas a seis grupos e numa segunda parte realizou uma análise de conteúdo de artigos da imprensa escrita francesa sobre a psicanálise. Foi neste segundo contexto “que Moscovici propôs as seguintes modalidades de comunicação nas

quais são elaboradas as representações sociais” (Vala & Castro, 2013, p. 590), a difusão, a propagação e a propaganda. A primeira modalidade consiste no tipo de imprensa generalista, que é o caso da que vai ser analisada na presente investigação, em que pretende “falar e fazer falar de um assunto, e por isso deixa ao leitor o cuidado de tirar as suas conclusões” (Vala & Castro, 2013, p. 590). Em relação à propagação tem o objetivo de levar à uniformidade dependendo das normas de certo grupo. Por fim, a propaganda é utilizada como reação por parte de um grupo numa situação de conflito (Vala & Castro, 2013).

Segundo Moscovici (1988) existem três formas de as representações se tornarem sociais. São estas as: 1) representações sociais hegemónicas - que refletem homogeneidade e estabilidade, sendo uniformes e coercivas, e são partilhadas por todos os membros de um grupo estruturado, mesmo que não tenha sido esse grupo a criá-las; 2) representações sociais emancipadas - que resultam da circulação de conhecimento e ideias de subgrupos, uma vez que, cada um cria a sua versão e partilha-a com outros, e elas são sociais “em virtude da divisão de funções e da informação reunida e coordenada pelos seus meios” (Moscovici, 1988, p. 221); 3) representações sociais polémicas - resultam do conflito social e, a sociedade como um todo não as partilha, devendo ser vistas como uma oposição ou luta entre grupos (Moscovici, 1988). Estas três formas de representações demonstram as diferenças do conceito uniforme de representação coletiva, para a visão diferenciada das representações sociais (Moscovici, 1988).

Segundo Vala & Castro (2013), atualmente é possível destacar diversos pontos de consenso em relação às representações sociais. Estas são designadas como sociais, pois “expressam o sujeito, a relação deste com Outro(s), e referem-se a um objeto, historicamente situado” (Vala & Castro, 2013, p. 594), tendo assim uma consequência cultural e uma consequência interativa e contextual. A consequência cultural é exatamente como o próprio nome indica, a cultura a fornecer os filtros que permitem ver a realidade (Vala & Castro, 2013). A consequência interativa e contextual significa que as representações vão depender da interação realizada e do contexto em que surge, ou seja, não são rígidas nem imutáveis (Vala & Castro, 2013).

Outro ponto de destaque é a importância das identidades sociais, visto que cada uma delas tem associadas a si determinados conteúdos ou representações e como mencionado anteriormente dependendo do contexto cada grupo terá as suas diferenciando-se assim. Deste modo, as representações são determinadas pelos fatores

acima mencionados, apesar disso “não só emergem das interações, mas também são organizadoras dessas mesmas interações” (Castro e Batel, 2008 *cit. in* Vala & Castro, 2013, p. 597). Isto significa que as representações influenciam, mas também são influenciadas sendo que os indivíduos são seres ativos e que produzem representações sociais com o auxílio de todo o tipo de conhecimento (Vala & Castro, 2013).

2.2 – Processos de formação das representações sociais

Na formação das representações sociais destacam-se dois processos: a ancoragem e a objetivação. Moscovici descreve estes dois mecanismos ressaltando a importância da sua compreensão. A ancoragem é “um processo que atrai algo estranho e perturbador que nos intriga no nosso sistema particular de categorias e compara-o ao paradigma de uma categoria que achamos adequada” (Moscovici, 2000, p. 42). Ou seja, é tentar ancorar o que nos é estranho, quer sejam ideias, coisas ou pessoas, em categorias que já nos são familiares. Segundo Moscovici (2000) ancorar é classificar e nomear algo, uma vez que, algo que nos é estranho ou não está classificado é alienado e considerado mesmo ameaçador, ou seja, a partir do momento que se classifica e nomeia algo é possível imaginá-lo, representá-lo. Com esta classificação não é possível a neutralidade na atribuição já que vai ser atribuído a cada coisa ou ser, um valor negativo ou positivo e um lugar em determinada hierarquia.

Jodelet (1989) atribui à ancoragem duas maneiras de formar as representações. Esta fá-lo ao enraizar a representação e o seu objeto na rede de significações que com os valores sociais predominantes lhes dá sentido. A outra forma consiste em servir “à instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para interpretação e gestão do ambiente, e então se situa em continuidade com a objetivação” (Jodelet, 1989, p. 18).

A objetivação “satura a ideia da falta de familiaridade com a realidade, transforma-se na própria essência da realidade” (Moscovici, 2000, p. 49). Para Wagner, Duveen, Farr e Jovchelovitch, Lorenzi-Cioldi, Marková e Rose (1999) é através deste mecanismo que o conhecimento socialmente representado ganha a sua forma específica, vai ser através da comunicação simplificado e criado uma imagem. Para objetivar, segundo Moscovici (2000), é necessário perceber a qualidade icónica da ideia ou ser, de modo a reproduzir o conceito numa imagem. Todo este processo está intrinsecamente ligado à memória, pois “as nossas representações tornam o desconhecido em familiar”

(Mocovici, 2000, p. 54), sendo através da nossa memória que é possível efetuar este processo. Deste modo, através destes mecanismos de ancoragem e objetivação, as representações são criadas. Com a ancoragem transfere-se para a nossa esfera pessoal onde o comparamos e interpretamos e com a objetivação reproduzimo-lo através das coisas que podemos ver e deste modo controlar (Mocovici, 2000).

Segundo Moscovici (1988) existem duas maneiras de uma representação constituir algo real, são então a performativa e a construtiva. É performativa, uma vez que, ao ser partilhada vai definir uma determinada situação; e é construtiva, pois é ela mesma que seleciona e relaciona as pessoas ou os objetos permitindo-lhes comunicar e agir através de conceitos e imagens em comum (Moscovici, 1988).

Wagner *et al.* (1999) apresentam no seu artigo *Theory and method of social representations* um esquema (Figura 1) sobre o processo e as consequências na formação de uma representação social. Tem-se o exemplo de um grupo em que ocorre um fenómeno estranho o que leva a um enfrentamento coletivo material e simbólico. De seguida dá-se a ancoragem e a objetivação o que leva a que se torne um fenómeno familiar e aceite pelo grupo.

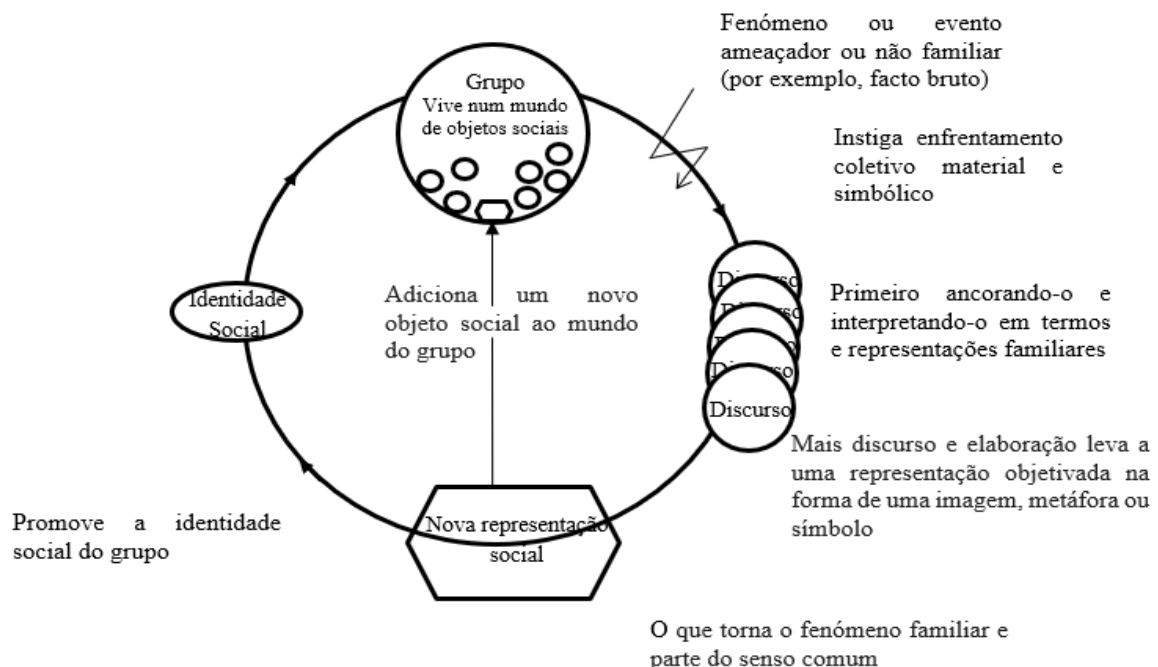


Figura 1 – Representação esquemática da sociogénese das representações sociais
Fonte: Retirado de Wagner *et al.* (1999)

3 – Idadismo/idosismo, atitudes e estereótipos: operacionalização de conceitos

3.1 – Idadismo/idosismo

Um dos problemas sociais que mereceu mais destaque, investigação e alerta em meados do século passado foi o racismo. Em seguida começaram a ser discutidas as desigualdades de género dando-se assim relevância ao problema do sexismo. Estes dois “ismos” são os mais discutidos e compreendidos pela sociedade em geral. Mas a juntar a estes dois existe um outro tipo de preconceito, o idadismo. Para Erdman Palmore este “é o terceiro grande “ismo” na nossa sociedade, a seguir ao racismo e ao sexismo” (Palmore, 2001, p. 572). Este termo surgiu por Robert Butler em 1969 sendo o “preconceito por um grupo etário em relação a outros grupos etários” (Butler, 1969, p. 243). O autor propôs este tema aquando da construção de uma zona imobiliária para pessoas mais velhas em Chevy Chase onde os habitantes eram contra esta mesma construção. Esta discriminação tem por base a idade, não sendo exclusiva às idades mais avançadas.

No caso do presente estudo o foco é sobre as pessoas mais velhas, sendo mais indicado neste caso o termo idosismo. Apesar de atualmente o idosismo estar bastante presente na nossa sociedade nem sempre assim foi. Nas sociedades pré-históricas e agrárias as pessoas mais velhas eram tidas como importantes e respeitadas, uma vez que, com a idade vinha implícita mais sabedoria que poderia ser passada às gerações mais novas. Este cenário começou a ser alterado essencialmente a partir de dois desenvolvimentos na sociedade (Nelson, 2005). Em primeiro lugar, destaca-se o surgimento da imprensa de impressão. Este acontecimento veio retirar a exclusividade atribuída às pessoas mais velhas de transmitir a “cultura, tradição, e história de uma sociedade ou tribo” (Nelson, 2005, p. 208), uma vez que, todas estas informações puderam começar a ser impressas e transmitidas a um nível mais amplo e detalhado sem que se perdessem informações. O segundo acontecimento que veio alterar as atitudes para com as pessoas mais velhas foi a revolução industrial. Houve uma mudança nos tipos de trabalho preponderantes passando os trabalhadores mais jovens com a sua força de trabalho e maior adaptabilidade à tecnologia em constante mudança a serem os trabalhadores preferenciais em deterioramento dos mais velhos. A junção destes dois acontecimentos levou a uma mudança na forma como se veem as pessoas mais velhas e uma contribuição para um preconceito sobre as mesmas.

Butler (1980) diferencia dois tipos de idadismo, o maligno e o benigno. O primeiro, pode ser mais prejudicial, uma vez que, caracteriza as pessoas como inúteis. Já

o segundo, pode ser demonstrado por algumas situações de atitudes inconscientes, por exemplo, por parte de médicos, “pode levá-los a sentir que o tratamento dos complexos problemas físicos das pessoas idosas não vale o seu tempo” (Butler, 1980, p. 9). Segundo o autor existem três aspetos distintos mas, interrelacionados sobre o idadismo, como atitudes prejudiciais em relação às pessoas mais velhas e em relação à velhice e ao processo de envelhecimento, muitas das vezes das pessoas mais velhas sobre elas próprias; o outro aspeto está relacionado às práticas de discriminação contra as pessoas mais velhas como, por exemplo, no trabalho; e o último aspeto está relacionado com práticas institucionais e políticas que muitas vezes perpetuam os estereótipos e “reduzem as oportunidades para uma vida satisfatória e enfraquecem a sua dignidade pessoal” (Butler, 1980, p. 9).

Este é um problema que tem de ser estudado e ser-lhe dado a devida importância na nossa sociedade, pois todos nós estamos suscetíveis a ser alvo dele, uma vez que, todos vamos envelhecer. Este problema pode levar à discriminação dos trabalhadores mais velhos e tal como o racismo ou o sexismo vai contra os direitos fundamentais, não respeitando nomeadamente o artigo 21º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia que diz que “é proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, riqueza, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual.”, tal como os artigos 13º e 59º da Constituição da República Portuguesa que proíbem qualquer tipo de discriminação.

“Idadismo, como o sexismo, é universal na literatura, em filmes, televisão e anúncios” (Butler, 1980, p. 9). De todos estes podemos também acrescentar a imprensa escrita, nomeadamente os jornais. O idadismo pode estar presente em cada um deles sendo deste modo perpetuado e propagado o que torna ainda mais difícil a sua eliminação. Para combater este enraizamento e permanência podem ser adotadas diversas medidas a nível individual e coletivo. Como cidadãos individualmente é necessário ter uma maior consciencialização e desconstruir a ideia de que o envelhecimento é um problema e não o classificar como algo mau em oposição à juventude como algo bom. Devem-se também evitar piadas ou anedotas idadistas e nomes que classifiquem as pessoas como um grupo heterogéneo ou como senis. A nível coletivo podem ser tomadas medidas como legislações que reduzam o idadismo ou mesmo utilizar os meios de comunicação para transmitir informações e alertar para este assunto.

3.2 – Atitudes

O conceito de atitude é a base de diversos estudos e foi dos conceitos mais importantes na Psicologia Social, onde em 1918, Thomas e Znaniecki definiram esta disciplina como sendo o estudo científico das atitudes (Lima & Correia, 2013). Outros autores dedicaram-se ao estudo deste tema sendo a definição proposta por Eagly e Chaiken (1993, 1995) de que as atitudes são “predisposições aprendidas para responder de forma favorável ou desfavorável a uma pessoa particular, comportamento, crença ou coisa” (Feldman, 2001, p. 609).

As nossas atitudes não são inerentes desde o nascimento, estas são transmitidas através da aprendizagem e socialização. A aprendizagem pode ser feita através de processos de condicionamento, ou seja, são feitas associações entre um objeto e uma experiência onde se esta associação for negativa vai condicionar as atitudes face ao objeto como negativas. Outro processo de aprendizagem é o condicionamento operante que faz com que “atitudes que são reforçadas, tanto verbalmente como não verbalmente, tendem a ser mantidas” (Feldman, 2001, p. 610).

Diversas teorias surgiram relativamente às funções das atitudes. Estas podem ter funções motivacionais, sociais, cognitivas e de orientação para a ação. As primeiras dependem das necessidades de cada pessoa, ou seja, a pessoa adapta as suas atitudes de modo a “obter o melhor ajustamento social, maximizando as recompensas sociais e minimizando as punições” (Lima & Correia, 2013 p. 224). Na perspetiva das funções sociais das atitudes, estas têm influência na relação com diversos grupos sociais. As atitudes, partindo da teoria de que as atitudes têm funções cognitivas ocorre, pois têm influência no processamento de informação. Já as funções de orientação para a ação têm uma dupla correlação de impacto quer das atitudes no comportamento, quer do comportamento nas atitudes.

No presente trabalho as atitudes vão ser consideradas como “um constructo biopsicossocial relativamente estável que se traduz numa predisposição, positiva ou negativa, mais ou menos intensa, relativamente a um determinado objeto” (Bettencourt da Câmara, 2015, p. 188).

“Atitudes em relação às pessoas mais velhas são cruciais para a sua qualidade de vida na nossa sociedade” (Palmore, 1982, p. 333). O estudo das atitudes sobre as pessoas mais velhas teve o seu primeiro estudo empírico em 1944 por Dinkel. Foram também iniciados um ano mais tarde por Simmons estudos interculturais de atitudes em relação

às pessoas mais velhas. Semelhantes a esta tipologia têm-se em 1971 Maxwell e Silverman que analisaram vinte e seis sociedades, Shanas (1968) que fez as suas análises nos Estados Unidos da América, Grã-Bretanha e Dinamarca ou Palmore (1980) que analisou 28 países (Palmore, 1982). Da análise destes e outros estudos Palmore chegou à conclusão de que as “atitudes em relação às pessoas mais velhas variavam amplamente entre as diferentes culturas e entre diferentes períodos na mesma cultura, as atitudes eram mais positivas e estáveis em sociedades agrícolas e que tinha havido genericamente um declínio das atitudes positivas face às pessoas mais velhas com a industrialização” (Palmore, 1982, p. 335). Através destas conclusões retiradas dos estudos que vêm a ser feitos há mais de sete décadas, ressalta a importância da continuação de estudos nesta área, uma vez que, havendo mudanças entre sociedades e entre tempos históricos, os estudos a realizar permitem uma atualização do que ocorre atualmente nas sociedades e comparações com o que foi acontecendo anteriormente.

No estudo do mesmo objeto anteriormente mencionado, em 1953, Tuckman e Lorge desenvolveram um questionário de atitudes sobre as pessoas mais velhas que era constituído por 137 afirmações, divididas por treze categorias, que tinham de ser assinaladas por “sim” ou “não”. Estes itens “representavam uma colecção heterogénea de afirmações de crenças e atitudes” (Kogan, 1979, p. 14). Devido a ser bastante extensa e possuir afirmações de crenças era difícil relacionar com a associação positiva ou negativa (Kogan, 1979). Assim, em 1961, Kogan desenvolveu uma escala com dezassete pares de afirmações, negativas e positivas. Em comparação com a escala de Tuckman e Lorge esta tinha diversas vantagens como ser muito mais pequena, reflete atitudes e não estereótipos, faz a diferenciação entre escalas positivas e negativas o que permite uma melhor análise e o nível de confiança foi considerado satisfatório (Palmore, 1982).

Palmore sintetizou algumas conclusões gerais que se podem retirar dos estudos realizados sobre as atitudes em relação às pessoas mais velhas. Destaca-se o facto de existirem mais estereótipos associados às pessoas mais velhas em comparação com as pessoas mais novas e “muitos estereótipos negativos são mantidos pela maioria das pessoas (velhos e novos)” (Palmore, 1982, p. 341).

As escalas, referidas anteriormente, são das mais utilizadas entre diversas técnicas para medir as atitudes. Para fazer esta medição podem-se usar medidas diretas ou medidas indiretas (Lima & Correia, 2013, p. 201). Segundo Lima & Correia (2013) dentro das medidas diretas tem-se as escalas de atitudes que partem do princípio de que as atitudes

podem ser medidas pelas crenças, opiniões ou avaliações do indivíduo sobre um determinado objeto, ou seja, vai ser através da descrição do posicionamento de cada indivíduo que vão ser medidas as suas atitudes. Dentro das medidas indiretas têm-se as atitudes inferidas por indicadores que não seja a resposta verbal (Lima & Correia, 2013). As medidas corporais são uma destas técnicas de avaliação de atitudes que através desenvolvimento da socio psicofisiologia permitem esta mesma avaliação pelo estudo de, por exemplo, comportamentos não verbais ou as “alterações corporais de nível fisiológico que são dificilmente observadas a olho nu e que não estão ao alcance do controlo voluntário do indivíduo” (Lima & Correia, 2013, p. 216), como as alterações na pupila. A somar a estas tem-se também as medidas indiretas de natureza cognitiva onde os indivíduos fazem interpretação de, por exemplo, fotografias sendo, sem perceberem, influenciados pelas suas atitudes preexistentes (Lima & Correia, 2013). Todas as técnicas anteriormente descritas são de extrema importância para os estudos que se centram na avaliação de atitudes. No presente estudo as atitudes não vão ser medidas, mas sim identificadas a partir das notícias selecionadas.

3.3 – Estereótipos

“É amplamente aceite que o que pensamos sobre uma pessoa influencia como vamos percebê-la, e como a percebemos influencia como nos comportaremos em relação a ela” (Seltzer & Atchley, 1971, p. 226). Isto acontece em relação aos estereótipos, uma vez que, estes vão ter influência na forma como pensamos e percebemos os outros. “Lippmann (1992) é considerado como o iniciador da conceção contemporânea dos estereótipos e das funções psicossociais” (Marques, Páez & Pinto, 2013, p. 436). Para o autor, os estereótipos eram “imagens dentro das nossas cabeças” uma vez que devido à complexidade do mundo ao nosso redor fazemos uma seleção das informações a reter e das informações a excluir levando a uma simplificação. Deste modo o autor trouxe uma perspetiva diferente até há então adotada, de que os estereótipos funcionavam de forma patológica passando a serem considerados como algo natural da mente humana (Marques *et al.*, 2013, p. 437).

No seguimento desta nova linha de pensamento surge Allport que considera que “os estereótipos resultam do funcionamento normal da mente humana, e nomeadamente de um processo de categorização, em termos do qual o indivíduo se adapta ao meio natural

e social que o cerca” (Marques *et al.*, 2013, p. 437). Esta categorização traz inerente a si expectativas e permite fazer agrupamentos e generalizações. “Os estereótipos, que podem ser negativos ou positivos, são o prolongamento da nossa tendência para categorizar e organizar a vasta quantidade de informação que encontramos na vida de todos os dias” (Feldman, 2001, p. 628), sendo esta a definição base a utilizar no presente estudo. Para fazer essa categorização e a inclusão em certas categorias, Fiske e Neuberg (1990) sugeriram três categorias primitivas, sendo elas o género, a idade e a raça (Marques *et al.*, 2013). Outro tipo de categoria, segundo Zarate e Smith (1990), são as categorias sociais “para estes autores, quanto menos uma categoria é assumida “por defeito”, mais saliente ela se torna e, logo, maior a sua probabilidade de funcionar como critério de categorização” (Marques *et al.*, 2013, p. 452). Isto significa que as categorias que têm mais destaque são aquelas que não estão dentro das normas e do convencional de certo local e que estão dependentes do seu quantitativo numérico e da sua denominação sociopolítica. Uma outra forma de incluir uma pessoa num certo estereótipo é através da sua categorização segundo o contexto em que esta se encontra.

Muitas destas categorizações são transmitidas e passadas de geração em geração através do processo de socialização que, segundo Giddens (2010b) deve ser vista como um processo vitalício que ocorre desde o nascimento até ao final da vida, através de interações sociais. Este processo inicia-se primeiramente através da socialização primária (com os pais e familiares) sendo o período mais intenso de aprendizagem, e de seguida pela socialização secundária (com professores, amigos, vizinhos) desde o final da infância até à idade adulta. O processo de socialização vai depender da cultura da sociedade em que ocorre. Tal como Hummert (2011) refere, a maioria dos estudos sobre os estereótipos são realizados nos Estados Unidos da América e também em outras culturas Ocidentais, uma vez que, nestas culturas existe um favorecimento das pessoas mais novas em relação às pessoas mais velhas, o que pode não ser a realidade em outras culturas. Tem-se o exemplo das culturas Asiáticas da “piedade filial”, em que as pessoas mais velhas são tratadas com muito respeito por parte das pessoas mais novas, fazendo com que a maioria dos estereótipos sejam positivos, em comparação com as culturas Ocidentais (Levy & Langer, 1994; Liu *et al.*, 2003; Zhang *et al.*, 2002 in Hummert, 2011). “A maioria da pesquisa, revelou um amplo acordo intercultural sobre a natureza geral dos estereótipos de idade que subsumem crenças culturalmente específicas sobre os componentes

individuais desses estereótipos” (Hummert, 2011, p. 251), o que demonstra a importância de cada cultura na sua visão dos estereótipos.

Neste estudo dos estereótipos surgiu a Teoria Estrutural do Conteúdo dos Estereótipos (Fiske, Cuddy, Glick & Xu, 2002). Este modelo “propõe diferenças qualitativas nos estereótipos e preconceitos em relação a diferentes grupos, fornecendo simultaneamente uma estrutura conceitual que explica porquê e quando essas diferenças ocorrem” (Fiske *et al.*, 2002, p. 899). Para chegarem a estas conclusões, os autores realizaram um estudo preliminar e três outros no decorrer da investigação. Argumentaram que os estereótipos são capturados por duas dimensões, “a simpatia e a competência”, e que existem duas variáveis, “o status e a competição”, que preveem as dimensões dos estereótipos (Fiske *et al.*, 2002). Os autores concluíram que a competência e a simpatia percebidas diferenciam os estereótipos dos de fora do grupo e comprovaram a hipótese dos estereótipos mistos em “que muitos grupos externos são vistos como competentes, mas não simpáticos ou incompetentes, mas simpáticos” (Fiske *et al.*, 2002, p. 897). Estes primeiros, do estudo realizado, eram considerados os grupos de alto estatuto e competitivos, já os segundos são vistos como tendo baixo estatuto e cooperativos, dando-se o exemplo das pessoas mais velhas e dos deficientes (Vala & Castro, 2013).

4 – Estado de arte: idosismo e representações sociais das pessoas mais velhas

4.1 – Estudos empíricos sobre o idosismo

Erdman Palmore foi um dos autores que se dedicou ao estudo do tema do idosismo e criou o *Ageism Survey* através de literatura sobre o tema e a sua experiência com pessoas mais velhas com o intuito de responder às seguintes três questões: “Qual a prevalência do idosismo nesta e noutras sociedades?; Que tipos de idosismo são mais prevalentes?; Quais os subgrupos de pessoas mais velhas que reportam mais episódios de idosismo?” (Palmore, 2001, p. 572). O instrumento é composto por vinte itens (relacionados com formas negativas de idadismo) e três perguntas relacionadas com a idade, sexo e grau de habilitações dos inquiridos. Para responder ao inquérito os inquiridos deveriam colocar nas afirmações os números “0 – nunca”, “1 – uma vez” e “2 – mais do que uma vez” das vezes que tenham sofrido ou não a discriminação.

O seu estudo foi realizado a uma amostra de conveniência de 84 pessoas, com mais de 60 anos e maioritariamente feminina (65%). Os resultados do estudo

demonstraram que mais de 77% dos inquiridos já tinha vivenciado uma ou mais formas de idosismo e mais de metade dos incidentes ocorreram mais do que uma vez. O item mais selecionado pelos inquiridos (58%) foi o Item 1 (contar uma anedota que ridiculariza a pessoa pela sua idade), seguido pelo Item 2 (mandar um cartão de aniversário que ridiculariza a pessoa) onde 30% dos inquiridos reportou este tipo de comportamento idadista. O autor não encontrou uma relação entre a variável sexo e a ocorrência de episódios idadistas, já em relação ao grau de escolaridade observou que quanto menor o grau mais episódios de idosismo sofriam.

O *Ageism Survey* é um importante instrumento no estudo da discriminação tendo por base a idade. Apesar disso, o autor sugeriu que em futuras investigações fossem utilizadas entrevistas em profundidade ou *focus group* para um melhor esclarecimento das situações de discriminação e que sejam utilizadas maiores amostras em diversos grupos e culturas. No nosso país foram realizados diversos estudos relativamente às representações sociais e a perceção de discriminação social por parte das pessoas mais velhas, nomeadamente utilizando o *Ageism Survey*. Foram analisados três deles e sintetizados na Tabela 1.

Autores (ano)	Objetivo do estudo	Metodologia	Conclusões
Ferreira-Alves, J. & Novo, R. F. (2006)	Descrever o ponto de vista das pessoas mais velhas sobre a sua própria perceção de ocorrências de episódios de discriminação.	Aplicação do <i>Ageism Survey</i>	Da totalidade dos inquiridos, 68% afirmou ter sido alvo de um ou mais tipos de discriminação devido à sua idade e o grupo de inquiridos mais velho percecionou maior quantidade de episódios.
Ribas, I. & Pontes, M. (2010)	Descrever a perceção das pessoas mais velhas sobre a ocorrência de episódios de discriminação social.	Aplicação do <i>Ageism Survey</i>	Dos inquiridos 50% afirmou ter sido alvo de um ou dois tipos de discriminação tendo por base a idade.
Daniel, F., Antunes, A. & Amaral, I. (2015)	Identificar as representações da velhice a partir de uma amostra de utentes e cuidadores/as formais de uma IPSS.	Aplicação de um Teste de Associação Livre de Palavras e de um questionário aos utentes e aos cuidadores/as formais de uma IPSS.	As palavras mais utilizadas pelos utentes foram: solidão, dependência e morte; e as palavras mais utilizadas pelos cuidadores formais foram: solidão, doença, plenitude de vida.

Tabela 2 – Tabela-síntese de três estudos realizados em Portugal

Da análise dos resultados dos estudos analisados, concluiu-se que no estudo de Ferreira-Alves & Novo (2006) e Ribas & Pontes (2010), a maioria dos inquiridos tinha sofrido de algum tipo de discriminação que teve por base a sua idade. Já no estudo de Daniel *et al.*, 2015, verificou-se que as palavras mais referidas têm conotações negativas como a “solidão” ou a “dependência”. Estes resultados obtidos revelam que existem no nosso país atitudes idosistas para com as pessoas mais velhas e que as perceções da velhice são negativas devido às representações feitas e presentes sobre esta na nossa população.

4.2 – Estudos empíricos sobre as representações sociais das pessoas mais velhas

Foram realizados estudos através da análise de diversos *media* com o objetivo de analisar estereótipos, atitudes e representações sociais presentes nestes diversos tipos de meios. De seguida são apresentados, na Tabela 2, onze estudos relativos às representações das pessoas mais velhas em jornais, na televisão, na poesia, no humor, em cartoons e anúncios televisivos, servindo de base teórica da presente dissertação.

Autores (ano)	Objetivo do estudo	Metodologia	Conclusões
Miller, P. N., Miller, D. W., Mckibbin, E. M. & Pettys, G. L. (1956-1996)	Caraterizar o tipo de estereótipos sobre as pessoas mais velhas presentes na publicidade impressa.	Foram selecionadas três revistas através de diversos critérios, como o conteúdo editorial, público alvo e as categorias dos produtos anunciados. Resultou no universo de 1944 anúncios que continham fotografias de pessoas do qual se obteve uma amostra de 192 anúncios que continham fotografias de pessoas mais velhas.	Foram encontrados estereótipos negativos, o estereótipo musarinho/rabugento e o estereótipo de levemente debilitado, e alguns positivos, sendo eles, o estereótipo do “golden ager”, estereótipo John Wayne conservador e o estereótipo do avô perfeito. Demonstrou-se um aumento de representações negativas e uma diminuição das positivas.
Buchholz, M. & Bynum, J. E. (1970 e 1978)	Analisar longitudinalmente dois jornais de modo a determinar a imagem e o papel da pessoa mais velha.	Análise de conteúdo de dois jornais nos anos de 1970 e 1978 onde resultou uma amostra de 1703 notícias relacionadas com as pessoas mais velhas.	30% das notícias apresentavam uma imagem positiva das pessoas mais velhas, o número de notícias negativas não diminuiu entre 1970 e 1978, mais de 97% das notícias enquadraram-se nas categorias de apenas idade, obituários, políticas públicas, notícias sobre a reforma, aniversários e fraudes.

Autores (ano)	Objetivo do estudo	Metodologia	Conclusões
Palmore, E. (1971)	Analisar piadas para indicar as atitudes da sociedade face ao envelhecimento .	Análise de conteúdo a uma amostra de 264 piadas que foram classificadas por diferentes categorias, por atividade vs. desvinculação, positivas vs. negativas e por sexo.	Os autores concluíram que um pouco mais de metade das piadas refletiam uma visão negativa do envelhecimento e das pessoas mais velhas. Já as piadas relacionadas com a teoria da atividade eram mais positivas do que as que implicavam a teoria da desvinculação.
Harris, A. J. & Feinberg, J. F. (1976)	Caraterizar a representação feita sobre as pessoas mais velhas em diversos programas e horários (publicidade, comédia, notícias, programas para crianças, entre outros).	A amostra foi selecionada de forma aleatória no período de seis semanas durante quatro horas de cada dia em três canais nacionais. Foram criados sete grupos de idades e classificados segundo o nível de envolvimento romântico, atividade física, problemas de saúde, autoridade e estima pelos outros.	As pessoas mais velhas foram representadas em número próximo da população real. Nos anúncios eram representados como não saudáveis, fora de moda e desinteressantes. O retrato televisivo das mulheres mais velhas foi particularmente duro.
Davies, L. J. (1977)	Identificar atitudes expressas pelas piadas.	Foi selecionada uma amostra representativa de 363 piadas sobre o envelhecimento e 187 sobre a morte. A análise das piadas foi feita por área, positivas ou negativas, atitudes ambivalentes e por sexo.	Foi concluído que a maior categoria de piadas era relativa às piadas sexuais nomeadamente orientadas para os homens, seguida da área relacionada com aspetos físicos e seguida das interações sociais, sendo estas duas últimas maioritariamente consideradas negativas.
Sohngen, M. & Smith, R. J. (1978)	Determinar quais as imagens das pessoas mais velhas presentes na poesia.	Foi utilizado pelos autores o Índice de Poesia de Granger tendo sido feita uma seleção que originou a amostra de 127 poemas para análise. Estes foram divididos conforme o ponto de vista da narrativa interno ou externo e classificados pela dimensão.	A imagem das pessoas mais velhas na maioria dos poemas era negativa e em relação às características físicas eram quase sem exceção negativas. Concluíram que as imagens transmitidas eram semelhantes aos estereótipos negativos da cultura popular.

Autores (ano)	Objetivo do estudo	Metodologia	Conclusões
Smith, M. D. (1979)	Explorar as atitudes em relação às pessoas mais velhas expressas pela cultura popular ao examinar cartoons em revistas.	Do universo de revistas foram selecionadas oito por terem cartoons regularmente. Foram analisadas desde 1970 originando uma amostra de 2217 cartoons. Estas foram divididas por três categorias, presença de pessoas mais velhas, género e retrato da pessoa (positivo, negativo ou neutro). Seguiu-se uma análise de conteúdo.	As pessoas mais velhas foram sub-representadas, aparecendo em apenas 4,3% dos cartoons. As pessoas mais velhas em comparação com as outras personagens (crianças e adultos) foram representadas em maior número tanto de forma positiva como também de forma negativa.
Bell, J. (1989)	Analisar as imagens do envelhecimento presentes em cinco dos programas mais vistos do horário nobre pelas pessoas mais velhas.	O autor selecionou uma amostra de cinco programas do horário nobre populares e com audiência de pessoas mais velhas. De seguida realizou uma análise da representação das personagens mais velhas.	As personagens mais velhas são o centro dos programas e são representadas como membros poderosos das suas sociedades, saudáveis e psicológica e socialmente ativos e admirados.
Lee, M. M., Carpenter, B. & Meyers, L. S. (2007)	Analisar publicidade televisiva de modo a compreender como as pessoas mais velhas são representadas/retratadas.	Foram gravados cinco canais de televisão em cinco dias consecutivos entre as 8h e as 23h, que originou uma amostra de 1977 anúncios (apenas foram selecionados os de produtos e serviços). De seguida foram identificadas as pessoas mais velhas (mais de 55 anos) e estas foram codificados por sexo, etnia e o status do ator.	Pessoas mais velhas apareceram em apenas 15% dos anúncios, na sua maioria pessoas caucasianas (86% dos anúncios) e homens (82%). Foram representados principalmente em anúncios de medicamentos e serviços médicos, produtos alimentares, carros e serviços financeiros e legais.
Prieler, M., Kohlbacher, F., Hagiwara, S. & Arima, A. (1997 e 2007)	Determinar as mudanças nas representações das pessoas mais velhas na publicidade televisiva no Japão.	Os autores realizaram uma análise de conteúdo a uma amostra de 2972 anúncios resultantes dos cinco canais principais de anúncios televisivos.	Os autores concluíram que houve um aumento significativo de anúncios com pessoas mais velhas entre 1997 e 2007, mas mesmo assim esta faixa da população estava sub-representada nos dois anos. Em 2007 o número de pessoas mais velhas representadas de forma positiva foi superior a 1997. Os tipos de anúncios, tal como outros estudos, eram dominados pelos de alimentos e bebidas.

Tabela 2 – Tabela síntese de estudos sobre as representações sociais das pessoas mais velhas nos meios de comunicação

5 – Os *media*

5.1 – Os diferentes *media* e sua evolução - o caso específico da imprensa escrita

Atualmente vivemos num mundo globalizado, estamos interligados e comunicamos a longas distâncias com uma grande facilidade em comparação com o passado. “A comunicação é um processo essencial, não só da socialização, mas também da formação do indivíduo, na medida em que este adquire consciência de si interiorizando (...) os comportamentos na troca de mensagens significativas” (Cruz, 2008, p. 59). Ou seja, o ser humano é um ser social, desenvolve-se na interação com os outros o que faz com que a comunicação seja algo essencial. Esta comunicação remonta aos tempos pré-histórico com as gravuras nas paredes, hieróglifos, sinais de fumo, evoluindo até aos dias de hoje. A par desta comunicação interpessoal tem-se a comunicação de massas presente atualmente e diariamente nas nossas sociedades.

Na comunicação de massa a palavra “massa”, de acordo com Cruz (2008) é considerada como um corpo amorfo consequência do processo de homogeneização, de “massificação”, advindo das sociedades industriais em que tudo era construído em massa e de forma sequencial. Dos meios de comunicação de massa ou *mass media* têm-se a televisão, jornais, filmes, rádio, revistas, publicidade, jogos de vídeo, CD’s (Giddens, 2010a). Outros dois meios de comunicação são os *media* eletrónicos e as telecomunicações. Todos estes foram-se desenvolvendo ao longo dos anos e passando por transformações, consequência dos avanços tecnológicos que têm vindo a acontecer.

No caso do presente trabalho de investigação, vão ser os jornais a base do estudo empírico a realizar. Recuando aos primórdios dos jornais, estes remontam ao século XVIII onde eram panfletos e folhas de informação impressa, sendo apenas a partir dos finais do século XIX que se tornaram diários e consumidos por milhares e milhões de pessoas (Giddens, 2010a). Este foi um grande desenvolvimento para a época, uma vez que, possuíam notícias de diversos tipos e eram de fácil transporte. Foi a partir dos finais do século XIX com a invenção de papel de impressão barato (Giddens, 2010a), que houve uma difusão em massa dos jornais que foram durante meio século a principal via de difundir informação de forma rápida e de maneira a que o público em geral a compreendesse. Com o surgimento da rádio e da televisão passaram a haver outras formas de difundir as informações o que levou a um decréscimo nos leitores. Mesmo nos dias de hoje com os jornais eletrónicos, os jornais em papel permanecem na nossa sociedade.

5.2 – O papel e a relevância dos meios de comunicação (*media*)

Os meios de comunicação têm uma ligação direta com a realidade ao nosso redor, ou seja, “retiram e valorizam conteúdo simbólico do meio envolvente e a realidade só se concretiza, efetivamente, depois de ser percebida, ou melhor, percebida” (Cruz, 2008, p. 101). Tendo tido esta relação notória diversos estudos foram realizados e teorias elaboradas. Destacam-se, para a compreensão da relação entre os *media* e a sociedade, dois modelos: os *media* como um espelho da realidade e os *media* como construtores da realidade. O primeiro modelo, atualmente rejeitado como consequência de estudos realizados, postulava como o nome indica, que os *media* funcionavam como um espelho da realidade refletindo normas e valores da sociedade (Cruz, 2008). O que nos era transmitido era um reflexo objetivo da realidade. Esta hipótese foi deixada de lado dando-se enfoque à teoria construtivista.

O modelo dos *media* como construtores da realidade constata que os meios de comunicação constroem e mudam eventos, afetando a forma de as pessoas pensarem, acreditarem e agirem (Cruz, 2008). Esta perspetiva socorre-se dos pressupostos do interacionismo simbólico que no caso, as notícias transmitidas pelos meios de comunicação advêm da interação de diversas variáveis como, por exemplo, a interação social dos jornalistas com a sociedade, entre os jornalistas e as suas fontes, o que faz com que estes não tenham um papel passivo na construção da realidade (Cruz, 2008). A juntar a estas interações têm-se os valores, crenças e estereótipos interiorizados por cada pessoa que vão também desta forma influenciar nas transmissões das notícias.

Tendo os jornais, um papel preponderante na nossa sociedade e podendo influenciar a mesma pela forma como são publicadas as notícias, uma vez que, “moldam muita da informação sobre a qual nós agimos na nossa vida quotidiana” (Giddens, 2010a, p. 488), destacando-se assim a relevância do presente estudo. As notícias sobre as pessoas mais velhas transmitidas pelos jornais em Portugal podem ter influência dos fatores acima descritos o que vai consequentemente influenciar os leitores sobre os temas tratados.

6 – Perspetivas Teóricas: a Perspetiva da Estratificação Etária e a Teoria das Representações Sociais

6.1 – Perspetiva da Estratificação Etária

Diversas são as teorias que na área da Gerontologia Social podem auxiliar no

estudo dos diversos temas da área. Como mencionado anteriormente, esta é uma área interdisciplinar o que fez com que diversos autores, tais como Victor W. Marshall, Bengtson *et al.* e Alley *et al.*, realizassem estudos de modo a compreender as teorias que seriam mais utilizadas na área da Gerontologia Social. Marshall considerou que a Gerontologia Social “raramente desenvolveu as suas próprias teorias ou perspectivas teóricas” (Marshall, 1996, p. 569 *cit. in* Bettencourt da Câmara, 2015, p. 36). Já Bengtson *et al.* fizeram um estudo entre os anos de 1990 e 1994 onde analisaram 645 artigos de oito revistas científicas e concluíram que das teorias analisadas, 11 eram “específicas da Gerontologia Social” (Bengtson *et al.*, 1997 *cit. in* Bettencourt da Câmara, 2015, p. 51). Mais tarde, entre 2000 e 2004, Alley *et al.* analisaram 1046 artigos nas mesmas oito revistas científicas, chegando a “29 teorias sobre envelhecimento e velhice, oriundos ou não da Gerontologia Social.” (Bettencourt da Câmara, 2015, p. 51), o que demonstra a multidisciplinariedade desta ciência.

A presente dissertação ancora-se em duas perspectivas teóricas, sendo elas a Perspetiva da Estratificação Etária e a Teoria das Representações Sociais. “A idade é reconhecida como um fator que influencia a vida social” (Foner, 1975, p. 144). Segundo Foner (1975) o termo de estratificação etária descreve de forma breve a relação complexa entre idade e sociedade e o paradigma para compreender esta mesma relação. A idade bem como o sexo, os sistemas de classes, a etnia, fazem parte de sistemas de estratificação que têm aspetos em comum, mas também características únicas (Foner, 1975). No caso da estratificação etária o indivíduo é condicionado pelo estrato etário a que pertence.

Existem duas dimensões do tempo que explicam esta realidade (Riley, 1971): a dimensão do curso de vida e a dimensão histórica. A dimensão do curso de vida baseia-se no facto de que os indivíduos na mesma fase do ciclo de vida têm muitas semelhanças. Quer a nível biológico, com características que são partilhadas pelas idades semelhantes, quer a nível social em relação aos papéis que vão desempenhando. É daqui que vem a importância da idade cronológica, uma vez que, “serve como um indicador aproximado de experiência pessoal (isto é, biológica, psicológica e social) e esta experiência carrega consigo probabilidades variadas de comportamentos e atitudes” (Riley, 1971, p. 80). Já a dimensão histórica implica que pessoas com datas de nascimento semelhantes vão partilhar entre si um passado histórico e ambiental bem como o presente e o futuro. Isto significa que vão vivenciar os mesmos acontecimentos, e segundo Riley (1971) vai afetar a probabilidade de agirem ou pensarem de uma maneira específica. O que acontece

é que mesmo que diferentes coortes vivenciem o mesmo acontecimento, por exemplo os jovens ou as pessoas mais velhas, vão vivenciá-lo de forma diferente devido à sua idade ser diferente bem como as experiências que viveram ao longo da vida. Significa por isso que somos “*cohort-centric*” (Riley, 1971), ou seja, estamos centrados na nossa coorte e vimos as outras apenas pela perspectiva histórica que estamos a viver.

A estratificação etária vai ter influência entre estratos etários e dentro de estratos etários, uma vez que, cada pessoa vai ter os seus sentimentos e atitudes condicionados através da estratificação etária na sociedade em que se encontra (Riley, 1971). As relações dentro de estratos etários vão ser caracterizadas pela solidariedade tendo por base a idade. Como anteriormente mencionado, encontrando-se na mesma fase do ciclo de vida, os indivíduos vão partilhar aspetos biológicos semelhantes bem como papéis sociais e transições entre estes papéis, o que facilita a formação de grupos (Foner, 1975). E mesmo os meios de comunicação de massa fortalecem esta relação, uma vez que, “são um instrumento poderoso a disseminar relatos de afinidades de pares e para aumentar a consciência de problemas mútuos” (Foner, 1975, p. 151). Relativamente às relações entre estratos podem ser caracterizadas por conflitos e por enfraquecer a relação dentro do grupo. Na nossa sociedade atualmente no topo da hierarquia tendo por base a idade encontram-se as pessoas situadas cronologicamente no meio e os menos favorecidos os jovens e as pessoas mais velhas (Foner, 1975).

Outro aspeto destacado pela Perspetiva da Estratificação Etária é a mobilidade etária. Ao longo da vida do indivíduo este vai passando de papéis sociais relacionados à idade para outros, sendo esta mobilidade etária um processo cronológico como já mencionado dependendo de cada idade associa-se determinado papel social. Este tipo de mobilidade é algo inevitável, universal e unidirecional (Riley, 1971; Foner, 1975), uma vez que, todos passam por este processo sem ser possível invertê-lo. Assim, “o sistema de estratificação etária não pode ser visto isoladamente” (Foner, 1975, p. 161).

Assim, segundo esta Perspetiva, os indivíduos ao serem agrupados através de diferentes estratos tendo em conta a dimensão do curso de vida e a dimensão histórica, são estabelecidas relações entre esses mesmos indivíduos tendo como base a idade como um critério universal que tem influência em valores, comportamentos, papéis sociais, entre outros (Riley, 1971). É importante ressaltar que este agrupamento por estratos não tem em conta as diferenças de cada indivíduo o que não pode levar a uma generalização determinista dos indivíduos.

6.2 – Teoria das Representações Sociais

A par da perspectiva teórica acima descrita de forma breve, o presente trabalho de investigação ancora-se numa outra, a Teoria das Representações Sociais. Como consta no Ponto 2, dedicado às representações sociais, esta expressão remete tanto a um conceito como a uma teoria. A teoria tem como objetivo compreender como os indivíduos e os grupos constroem um mundo estável e previsível apesar de toda a sua diversidade (Moscovici, 2000). A Teoria das Representações Sociais abrange diversas áreas científicas, nomeadamente as ciências sociais como a Sociologia ou a Antropologia e as ciências psicológicas, como a Psicologia Social. Juntamente com esta interdisciplinaridade tem uma “flexibilidade no seu quadro conceptual que permitiu que esta teoria se adaptasse a várias áreas de investigação e iniciasse muitos desenvolvimentos teóricos e metodológicos” (Rateau *et al.*, 2012, p. 479).



Capítulo 2:

Metodologia de Investigação

Capítulo 2 – Metodologia de Investigação

1.1 – Pergunta de partida

A presente dissertação, tal como todos os restantes trabalhos de investigação, tem como uma das suas finalidades responder a uma questão inicial. No caso desta investigação é a seguinte: Quais as representações sociais sobre as pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa?.

1.2 – Objetivos da pesquisa

Na presente investigação o objetivo geral, foi analisar as representações sociais, as atitudes e os estereótipos sobre as pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa, entre os anos de 2014 e 2017. Já os objetivos específicos foram: analisar as representações sociais sobre as pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa; analisar o conteúdo informativo nas notícias sobre as pessoas mais velhas no jornal Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã e Expresso, entre 2014 e 2017; identificar estereótipos sobre as pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa e identificar as atitudes sobre as pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa.

1.3 – Métodos e técnica de investigação

Em todos os trabalhos de investigação a escolha da metodologia a utilizar é bastante importante e “a utilização de métodos construídos e estáveis permite ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 226). Este é um aspeto importante, uma vez que, para uma investigação ser considerada científica não deve conter ideias preconcebidas que podem influenciar os resultados finais.

No presente estudo vai ser utilizada uma abordagem mista. A dimensão quantitativa está relacionada com a análise de variáveis como, por exemplo, o número de notícias sobre as pessoas mais velhas, sendo que a dimensão qualitativa consiste na identificação dos estereótipos e atitudes através da técnica de análise de conteúdo. Este é um método intensivo porque tem como “informação de base a presença ou a ausência de uma característica ou o modo segundo o qual os elementos do “discurso” estão articulados uns com os outros” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 227), que no presente caso são os

estereótipos e as atitudes. Assim, a análise de conteúdo “é uma técnica que visa a sistematização de informação, de acordo com a aplicação de processos de codificação, categorização e inferência permitindo um alcance analítico de natureza quantitativa e/ou inferencial” (Espírito Santo, 2010, p. 68). Diversos autores dedicaram-se ao estudo da técnica da análise de conteúdo tais como Lasswell, que publicou a obra *Propaganda Technique in the World War* relativa à primeira Guerra Mundial, Berelson, Lazarsfeld ou Bardin.

A análise de conteúdo teve a sua origem nos Estados Unidos da América no início do século XX devido ao desenvolvimento da comunicação social, nomeadamente da imprensa e do surgimento da rádio. “A Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia seria a iniciadora dos estudos em análise de conteúdo” (Espírito Santo, 2010, p. 77). Este tipo de análise possui três instrumentos básicos, sendo eles as categorias, os indicadores e as unidades de análise. Para o tratamento de dados têm-se disponíveis programas informáticos como é o caso do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), que é o escolhido para a análise quantitativa dos dados resultantes da investigação.

Para a recolha da informação, foi utilizada uma base de dados proveniente do projeto de investigação “Representações mediáticas de públicos sensíveis”, registado no Centro de Investigação CAPP do ISCSP-UL, denominada de “Públicos sensíveis na imprensa”, relativa aos anos de 2014 a 2017. A investigação incidiu na análise da imprensa escrita, nomeadamente dos jornais Público, Diário de Notícias (DN), Jornal de Notícias (JN), Correio da Manhã (CM) e Expresso, dos anos disponíveis (2014 a 2017).

Para se proceder à análise dos dados, segundo Gunter (2000) *in* Silvestre (2011), a análise pode dividir-se em cinco formas distintas: 1) a análise estruturalista semiótica/semiológica faz uma análise ao sistema de signos; 2) a análise retórica que se foca “em características distintivas como a composição, a forma, o uso de metáforas e a estrutura de argumentação” (Silvestre, 2011, p. 179); 3) a análise narrativa focada nos textos como se fossem histórias mais focado nas personagens e não no texto; 4) a análise interpretativa com procedimentos de análise cumulativos e comparativos (Silvestre, 2011); 5) a análise de discurso que “presta atenção especial à componente linguística usada na linguagem dos media e avalia a prática ideológica da representação através da linguagem” (Silvestre, 2011, p. 179), tendo sido esta última a utilizada na presente investigação.

1.4 – Estratégias de análise de dados

Para a análise das notícias foi construída uma grelha de análise (consultar Apêndice 1) a partir da revisão bibliográfica efetuada. Esta grelha está dividida em três secções: 1) informação básica; 2) organização editorial; 3) conteúdo: acontecimentos e contextos. Na primeira secção, informação básica, encontra-se o nome do jornal, o mês, o dia do mês e o ano da publicação da notícia sobre a pessoa mais velha.

Na segunda secção, organização editorial, tem-se o título da notícia, o *lead*/1º parágrafo, a sua enfatização, ou seja, o local em que se encontram no jornal as notícias, e também a secção onde se encontra a notícia. Tem-se também o formato do conteúdo, que é a forma como a notícia é apresentada, se tem foto/ilustração, a contagem de palavras, o assunto da notícia, o protagonismo dado à pessoa mais velha, a continuidade da notícia que significa se são ou não histórias conhecidas sem serem casos isolados, a voz, ou seja, quem mais expressa o ponto de vista do protagonista e o género do jornalista/repórter/autor editorial.

Em relação à secção do conteúdo tem-se o género do protagonista, a idade do protagonista, o atributo que fez o protagonista aparecer no jornal, a fonte que nos indica a principal fonte de informação, o local da história, a direção/enfoque, ou seja se, é positiva ou negativa, os estereótipos e as atitudes.

Para atingir o objetivo geral do estudo foi necessário cumprirem-se os objetivos específicos. Para se cumprir o objetivo de analisar o conteúdo informativo das notícias sobre as pessoas mais velhas nos cinco jornais em análise nos anos de 2014 a 2017, foi feita a análise das variáveis V1 à V22 (consultar Apêndice 1) que em conjunto contribuíram para a sua caracterização. De modo a serem cumpridos os objetivos de identificar os estereótipos e as atitudes foram construídas categorias (consultar V23 e V24, Apêndice 1) tendo em conta o enquadramento teórico previamente realizado bem como o estado de arte. Neste caso, para fazer a identificação dos estereótipos, vão ser diferenciados estereótipos positivos e negativos através da classificação de Erdman Palmore (1999), sendo eles estereótipos positivos “a amabilidade, a sabedoria, o ser de confiança, a opulência, o poder político, a liberdade, a eterna juventude e a felicidade” (Palmore, 1999 *cit. in* Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010, p. 10) e estereótipos negativos “a doença, a impotência sexual, a fealdade, o declínio mental, a doença mental, a inutilidade, o isolamento, a pobreza e a depressão” (Palmore, 1999 *cit. in* Magalhães *et al.*, 2010, p. 10). Juntam-se a eles mais três estereótipos, provenientes do estado de arte,

sendo eles “velhos merecedores”, “vítimas” e “velhos indignos”. Estes vão estar divididos em aspetos biológicos, aspetos psicológicos e aspetos sociais.

Para se proceder à análise é necessário um breve enquadramento de cada um dos indicadores de modo a que quando for feita a análise se saiba exatamente o que procurar. Em relação aos estereótipos negativos têm-se os aspetos psicológicos: a “doença” é como o nome indica uma doença, a nível biológico que o protagonista sofra, um problema de saúde; a “impotência sexual” está enquadrada no tema sexualidade; a “fealdade” relaciona-se com a aparência física de feiura, com adjetivos que caracterizem neste sentido; “frágeis, débeis e vulneráveis” ao serem usados estas denominações ou caracterizados de modo a que devido a aspetos biológicos o pareçam. Já os aspetos psicológicos têm-se: o “declínio mental” resultante de doenças mentais; a “doença mental” relativa a doenças do foro psicológico; a “depressão” com estados depressivos. Em relação aos aspetos sociais: a “pobreza” associado ao rendimento, a baixos rendimentos; a “inutilidade” a nível da sociedade não serem considerados úteis, sem valor social; o “isolamento” ao nível de não estar integrado nem conectado com a sociedade, isolado; “vítimas” podem ser atribuídos por ocorrência de infelicidades, acidentes, algo que os diminua a nível social; já “velhos indignos” refere-se ao estereótipo atribuído a protagonista que ao nível da sociedade no geral não são dignos desse estatuto. Relativamente aos estereótipos positivos não existem de aspetos biológicos, já os aspetos psicológicos são os seguintes: a “amabilidade” exemplifica-se pelo estereótipo de ser amável, alegre, gentil; a “sabedoria” está ligada às capacidades psicológicas de conhecimento; “o ser de confiança” destaca-se pelo protagonista ser fiável, em diversas situações, por exemplo; a “felicidade” adjetivado como feliz; a “eterna juventude” sendo categorizado com algo associado às gerações mais novas. Em relação aos aspetos sociais: o “poder político” como a designação indica relaciona-se com poder a nível político; a “liberdade” vai ser considerada como independência, em tomada de decisões, por exemplo; a “opulência” relaciona-se com o rendimento, um estado económico abundante; por fim, os “velhos merecedores” é exatamente o contrário de velhos indignos, ou seja, digno do estatuto de velho. Vão deste modo, tentar ser encontradas palavras ou pequenas frases que se insiram dentro de cada um dos estereótipos a cima descritos.

Relativamente às atitudes estas também vão ser diferenciadas entre positivas e negativas e vão ser analisadas por indicadores provenientes do estado de arte, e tal como a definição adotada, por serem um construto biopsicossocial também vão ser divididas

em aspetos biológicos, aspetos psicológicos e aspetos sociais. As atitudes negativas de aspetos biológicos, tem-se “fisicamente doentes” como a predisposição natural dos protagonistas serem doentes a nível biológico. Em relação aos aspetos psicológicos de “mentalmente deteriorados”, “identidade de dependência” e “infelizes”, é a mesma disposição natural para com as pessoas mais velhas, de atitudes advindas de estereótipos negativos. Relativamente aos aspetos sociais de “isolados” e “inúteis/sem valor” antecedem a associação do protagonista a um papel reduzido a nível social, bem com os “nomes coletivos” de séniores, reformados, idosos, avós e avôs, por exemplo. Relativamente às atitudes positivas de aspeto biológico não existem. Já nos aspetos psicológicos das atitudes positivas tem-se a “sensatez” e o “juízo crítico” demonstram-se no construto de decisões e capacidades acertadas e pensadas. Dentro dos aspetos sociais tem-se: o “grupo com saber acumulado” com a disposição natural de os protagonistas por serem mais velhos possuírem maior saber; o “poder de decisão” com a predisposição de atribuição deste estatuto ao protagonista; o “sistema de valores estável” advém da disposição natural em relação ao objeto (pessoas mais velhas) de se verificar este tipo de sistema de valores.

Ao analisar as notícias vai-se verificar se os estereótipos e as atitudes estão presentes ou ausentes e “repartem-se da melhor maneira possível os elementos à medida que vão sendo encontrados” (Bardin, 2016, p. 147), enquadrando-se nas categorias correspondentes. As representações sociais das pessoas mais velhas na imprensa escrita vão ser analisadas segundo os estereótipos e as atitudes e consideradas positivas se os estereótipos e atitudes forem positivos. No caso contrário, as representações sociais são negativas se tiverem presentes estereótipos e atitudes negativas.

1.5 – Definição da amostra

Como anteriormente mencionado foi utilizada a base de dados proveniente do projeto de investigação “Representações mediáticas de públicos sensíveis”. Nela constam seis tipos de público, sendo um deles o dos “Idosos (65 e mais anos)” que é o utilizado na presente investigação. A base de dados relativa a este tipo de público possui 6492 notícias, mas ao ser realizada a grelha de análise a utilizar foram eliminadas algumas variáveis que não seriam pertinentes para o estudo o que levou a uma diminuição do número de notícias, passando para 3010 passíveis de análise. Deste modo, foi feita, em

primeiro, lugar uma análise estatística do universo em questão através do programa informático SPSS. De seguida realizou-se a análise de conteúdo a uma amostra proveniente do universo das 3010 notícias. Para a construção da amostra foi utilizada a técnica da proporcionalidade, uma vez que, “melhora a representatividade e, consequentemente, a precisão” (Pardal & Lopes, 2011, p. 61), tendo-se decidido analisar 1% do universo, dando um total de 30 notícias. Seguindo a proporção de cada jornal presente na base de dados é feita a análise cinco notícias do jornal Público, quatro do Diário de Notícias, sete do Jornal de Notícias, treze do Correio da Manhã e uma do Expresso. Estando definida a dimensão da amostra era necessário seleccionar quais as notícias a serem analisadas originando uma amostra sistemática. Para isso foi necessário determinar o intervalo de amostragem de cada jornal (dividindo o total de notícias desse jornal pelo número de notícias a constar na amostra) e dentro deste intervalo seleccionar aleatoriamente um número para se iniciar a escolha da amostra, prosseguindo a partir daí até serem seleccionadas a totalidade das notícias de cada jornal acima mencionadas. Com esta seleção feita e apesar de na base de dados estarem intercalados anos diferentes e não estarem agrupados os diferentes jornais, para a análise as notícias vão ser identificadas numericamente (indicando o seu título) e ordenadas tanto por meio (nome do jornal) e por dia, mês e ano de publicação.

2 – Apresentação e análise dos resultados

2.1 – Análise da informação por secções

2.1.1 – Secção 1: informação básica

– Nome do jornal

Ao analisar a primeira secção da grelha de análise (informação básica), que contém o número de notícias sobre as pessoas mais velhas presentes nos cinco jornais em análise (Gráfico 1), verificou-se que a maior percentagem de notícias está presente no CM com 42,3% do total de notícias (1273 notícias), seguindo-se o JN com 23,8% (716 notícias), o Público com 15,2% (459 notícias), o DN com 14,5% (437 notícias) e o Expresso com 4,2% (125 notícias). Sendo o CM o jornal mais vendido entre os anos de 2014 e 2017 e o que partilhou mais notícias sobre as pessoas mais velhas destaca-se a sua

importância na divulgação dos temas relacionados com o envelhecimento e a velhice e com a transmissão de representações sociais das pessoas mais velhas.

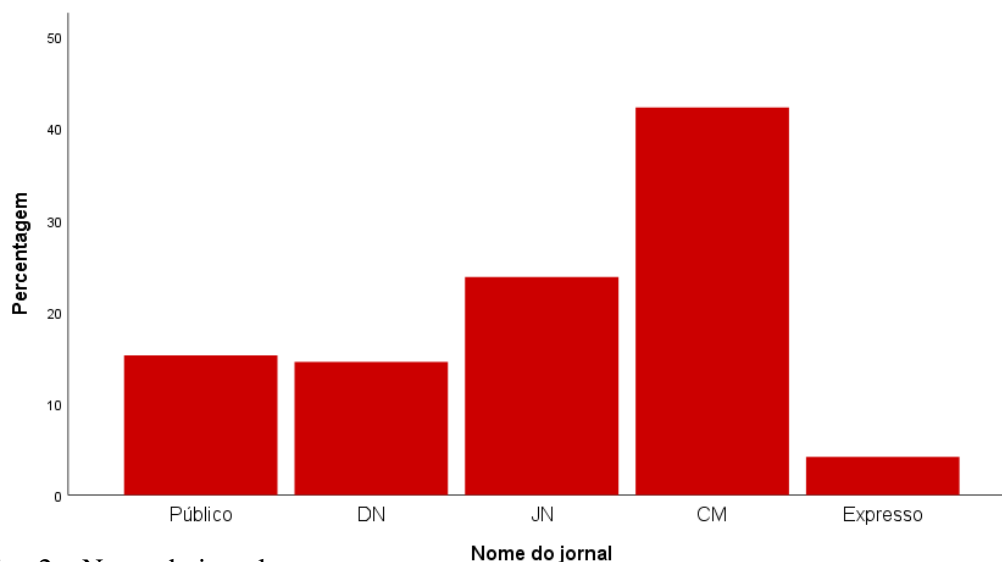


Gráfico 2 – Nome do jornal

– Mês

Em relação aos meses em análise registou-se um maior número de notícias sobre as pessoas mais velhas em abril com uma percentagem de 20,5% da totalidade das notícias, seguindo-se de março e janeiro com a mesma percentagem de 17,3% (Tabela 3).

Mês	n	%
janeiro	521	17,3
fevereiro	454	15,1
março	522	17,3
abril	616	20,5
maio	403	13,4
junho	494	16,4
Total	3010	100

Tabela 3 – Distribuição das notícias sobre as pessoas mais velhas por mês

– Dia do mês

Relativamente aos dias dos meses (Gráfico 2), registaram-se um maior número de notícias sobre as pessoas mais velhas no dia 8 com 4,5% da totalidade das notícias sobre

as pessoas mais velhas e no dia 31, com uma percentagem de 2,1%, tendo sido o dia com o menor número de notícias sobre as pessoas mais velhas nos quatro anos em análise.

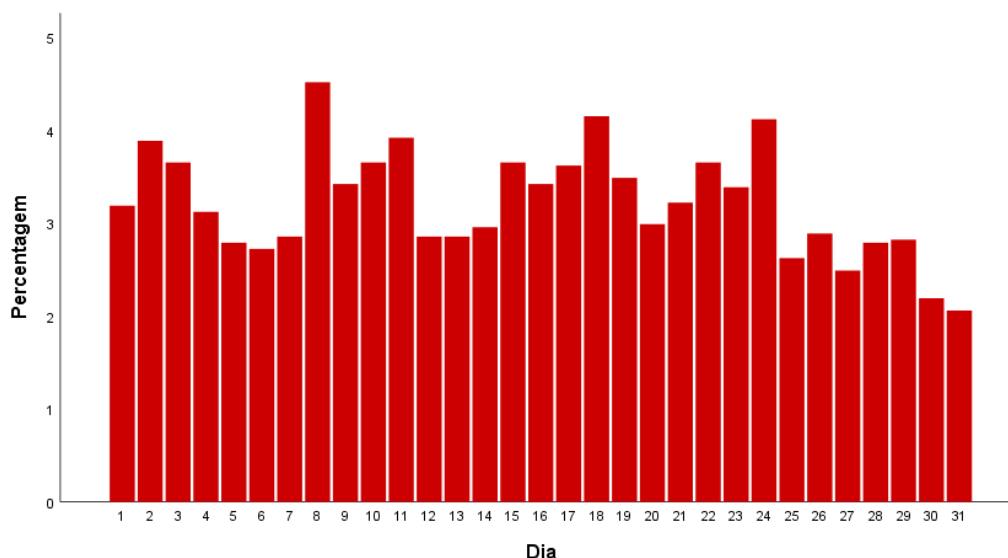


Gráfico 2 – Percentagem de notícias sobre as pessoas mais velhas por dia

– Ano

Dos quatro anos em estudo, como se verifica no Gráfico 3, foi em 2017 que se registaram um maior número de notícias sobre as pessoas mais velhas com 40,6% do total (1221 notícias), seguindo-se o ano de 2015 com 27,3% (823 notícias), 2014 com 25,9% (781 notícias) e 2016 apenas com 6,1% (185 notícias).

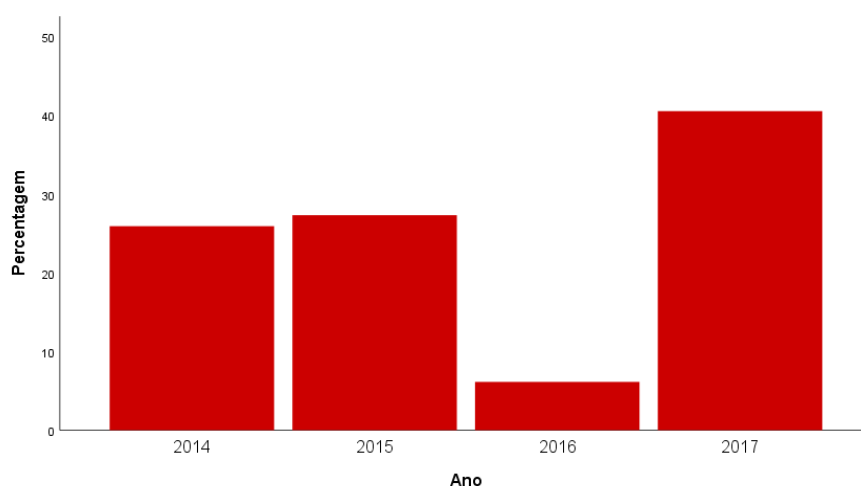


Gráfico 3 – Percentagem de notícias sobre as pessoas mais velhas por ano de publicação

2.1.2 – Secção 2: organização editorial

– Enfatização

Resultante da análise da segunda secção da grelha (organização editorial) obtiveram-se os seguintes dados. Relativamente à ênfase, quase metade das notícias sobre as pessoas mais velhas (49%) encontravam-se nas páginas pares seguindo-se das páginas ímpares (30,7%). As notícias na manchete tiveram um número bastante reduzido representando apenas 1,8% do total das notícias sobre as pessoas mais velhas, bem como a página 3 com 1,2%. No destaque estiveram 4,1% das notícias sobre as pessoas mais velhas, nas páginas centrais 6,1% e na contracapa 7,1%.

Enfatização	n	%
Manchete	54	1,8
Destaque	122	4,1
Pág. 3	36	1,2
Págs. Ímpares	924	30,7
Págs. Centrais	184	6,1
Contracapa	214	7,1
Págs. Pares	1476	49,0
Total	3010	100

Tabela 4 – Enfatização das notícias sobre as pessoas mais velhas

– Secção do jornal

Resultante da base de dados existem quatro secções onde as notícias sobre as pessoas mais velhas se poderiam encontrar, sendo elas, a política, economia, sociedade e cultura/artes (Tabela 5). Na área da sociedade estavam presentes o maior número de notícias, com uma percentagem de 75,7% (2279 notícias), seguindo-se a política com 12,4% (374 notícias), a cultura/artes com 7,8% (238 notícias) e a economia com 4% (119 notícias).

Secção do jornal	n	%
Política	374	12,4
Economia	119	4,0
Sociedade	2279	75,7
Cultura/artes	238	7,9
Total	3010	100

Tabela 5 – Secção do jornal

– Formato do conteúdo

É também importante destacar o formato do conteúdo das notícias, que se dividem em reportagem, opinião, coluna/breve, editorial, correio do leitor, notícia (de agência), reelaboração e entrevista. É na área da coluna/breve que o número de notícias sobre as pessoas mais velhas é mais significativo com 44,4% e em seguida a reportagem com 37,9%. Notícias (de agência) registaram-se 7,6% de notícias, entrevistas foram 4,1%, de opinião 3%, 2,5% de editoriais, 0,5% de correio de leitor e 0,1% de reelaborações.

Formato do conteúdo	n	%
Reportagem	1140	37,9
Opinião	91	3,0
Coluna/breve	1336	44,4
Editorial	75	2,5
Correio do leitor	14	0,5
Notícia	230	7,6
Reelaboração	2	0,1
Entrevista	122	4,1
Total	3010	100

Tabela 6 – Formato do conteúdo

– Foto/ilustração

Em relação a possuírem ou não foto/ilustração (Gráfico 4), da totalidade de notícias sobre as pessoas mais velhas, 61,9% tinham uma imagem explícita, 9,3% uma imagem não explícita e 28,8% não tinham qualquer imagem, o que demonstra que mais de 70% das notícias tinham foto/ilustração.

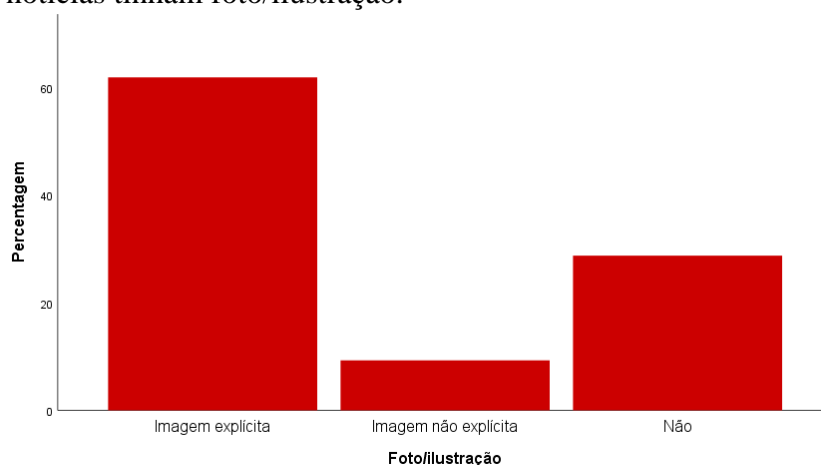


Gráfico 4 – Foto/ilustração

– Contagem de palavras

Relativamente à contagem de palavras, a média de palavras foi de aproximadamente 404 e a moda, que é o valor mais frequente, foi de 38 palavras. A mediana que é o valor que divide ao meio a distribuição foi de 220 palavras. Constatou-se que a maior parte das notícias não tem um grande número de palavras, o que pode indicar pouco destaque para as notícias sobre as pessoas mais velhas.

– Assunto

Relativamente aos 27 assuntos sobre os quais incidem as notícias sobre as pessoas mais velhas, foram os casos pessoais com uma percentagem de aproximadamente 25,7% (774 notícias) os mais referidos, seguidos pela criminalidade com aproximadamente 15% (450 notícias), Estado com 10% (300 notícias), artes e espetáculo com 7,5% (225 notícias) e insólitos com 7,2% (216 notícias) (Gráfico 5).

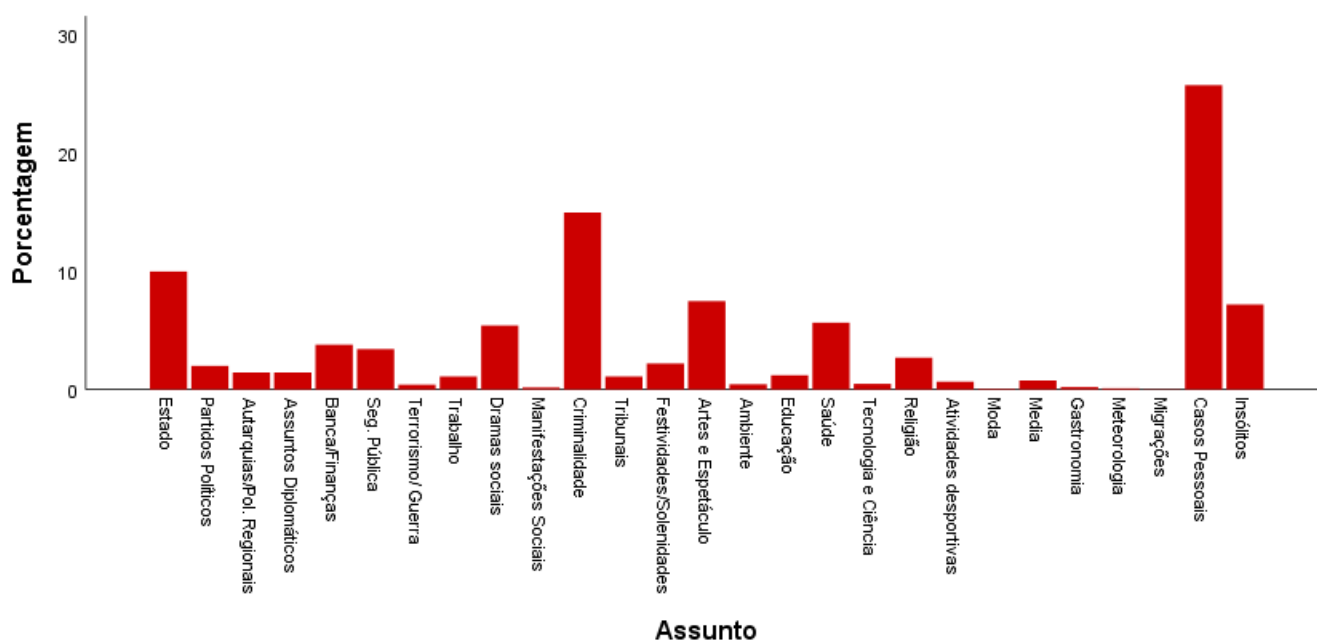


Gráfico 5 – Assuntos das notícias sobre as pessoas mais velhas

– Protagonismo

O protagonismo dado à pessoa mais velha foi dividido entre 1º plano e 2º plano, tendo o primeiro uma maior relevância, no presente caso foi o que teve uma maior percentagem de notícias 81,6% e o segundo plano apenas 18,4% (Gráfico 6).

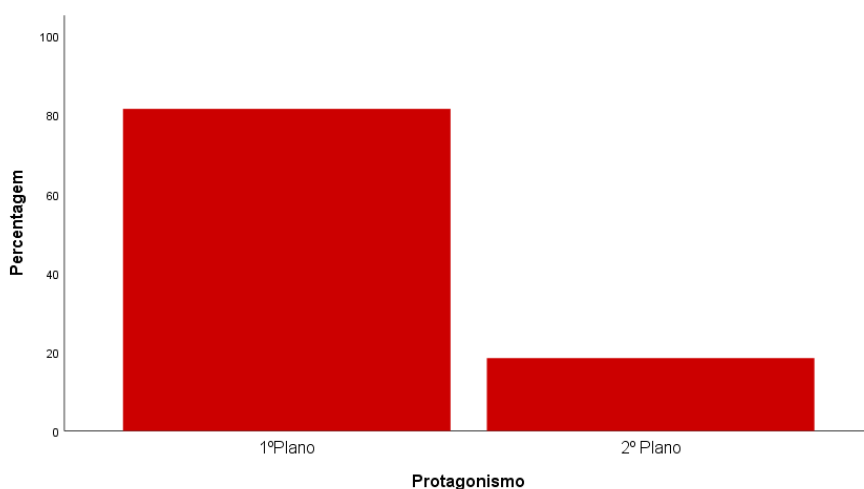


Gráfico 6 - Protagonismo

– Continuidade

Relativamente a serem notícias com ou sem continuidade (Tabela 7), 77,5% não tinham continuidade, ou seja, não eram a continuação de notícias anteriores sendo que as restantes 22,5% tinham continuidade.

Continuidade da notícia	n	%
Sim	678	22,5
Não	2332	77,5
Total	3010	100

Tabela 7 – Continuidade da notícia sobre a pessoa mais velha

– Voz

Já em relação à voz, verifica-se que 52,4% das notícias sobre as pessoas mais velhas são sem citação do/a protagonista e 25,4% tinham citação do/a protagonista. Tem-se 8,3% das notícias através de familiares/amigos, 5,5% por médicos/terapeutas, 3,5% por outros, 3% por grupos/associações e 1,9% por advogados (Tabela 8). Apesar de a grande maioria não ter qualquer citação do protagonista, muitas delas devido a serem notícias sobre mortes, seguem-se as notícias com citação do protagonista que revelam na primeira pessoa os acontecimentos em questão.

Voz	n	%
Sem citação do/a protagonista	1578	52,4
Protagonista	766	25,4
Família/ amigos	250	8,3
Advogados	56	1,9
Médicos/terapeutas	165	5,5
Grupos/associações	90	3,0
Outros	105	3,5
Total	3010	100

Tabela 8 - Voz

– Género do jornalista/repórter/autor editorial

A informação relativa ao género do jornalista/repórter/autor editorial só está disponível para 1220 notícias, onde 11,6% foram escritas por uma pessoa do género masculino, 13,2% por uma pessoa do género feminino e nas restantes 15,8% não foi identificado o género (Tabela 9). “Eventos e identidades são construídos através dos valores dos jornalistas e de outras partes interessadas, linguagens sociais e repertórios interpretativos” (Fealy *et al.*, 2012, p. 94), o que faz com que estas e outras características influenciem na construção das notícias.

Jornalista/Repórter/Autor Editorial	n	%
Masculino	348	11,6
Feminino	396	13,2
Não Identificado	476	15,8
Omisso	1790	59,5
Total	3010	100

Tabela 9 – Género do jornalista/ repórter/ autor editorial

2.1.3 – Secção 3: conteúdo: acontecimentos e contextos

– Género do/a protagonista

A terceira e última secção da grelha de análise (conteúdo: acontecimentos e contextos) começa por analisar o género dos protagonistas das notícias (Gráfico 7). O género preponderante foi o masculino com 71,3% (2146 notícias) e apenas 26,5% (799 notícias) do género feminino, em 2,1% (64 notícias) não foi possível identificar o género do protagonista e apenas uma notícia, ou seja, 0,03% era de uma pessoa transgénero. Sendo que as mulheres têm uma maior esperança de vida, estando quantitativamente em maior número nos últimos anos de vida, seria expectável um maior número de notícias sobre elas, o que não acontece na presente análise, pois existe uma diferença de aproximadamente 40% para as notícias do género masculino.

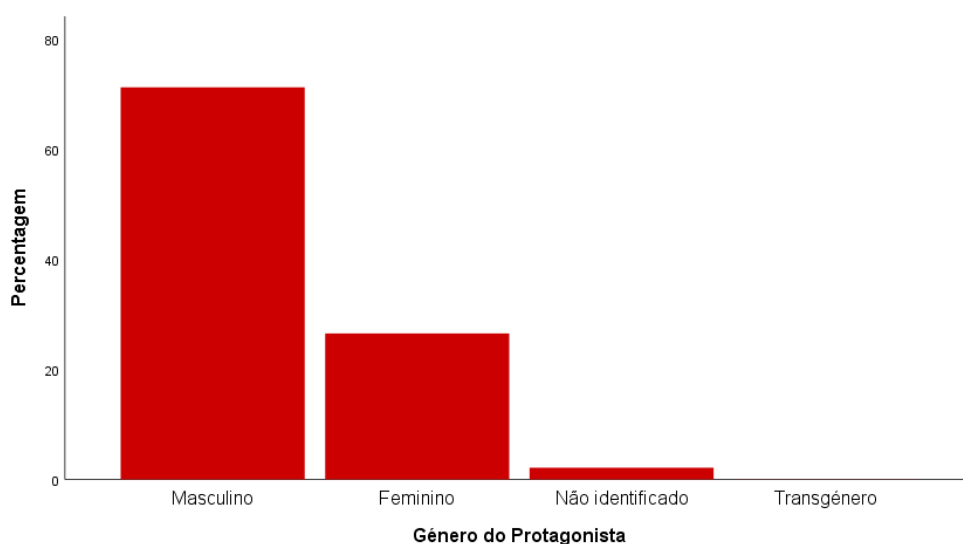


Gráfico 7 – Género do protagonista

– Idade do/a protagonista

Em relação à categoria idade, a idade mais frequente foi 69 anos com aproximadamente 12% da totalidade das notícias (363 notícias) e a média de idades da totalidade das notícias foi de 76 anos. Como se verifica no Gráfico 8, à medida que a idade vai avançando, o número de notícias começa a ser cada vez mais reduzido, algo expectável já que a esperança de vida vai diminuindo e o número de pessoas com idades mais avançadas vai consequentemente diminuir. Destacam-se os 106 anos com 0,8% das notícias que equivalem 23 notícias e os 100 anos com 0,6%, ou seja, 18 notícias.

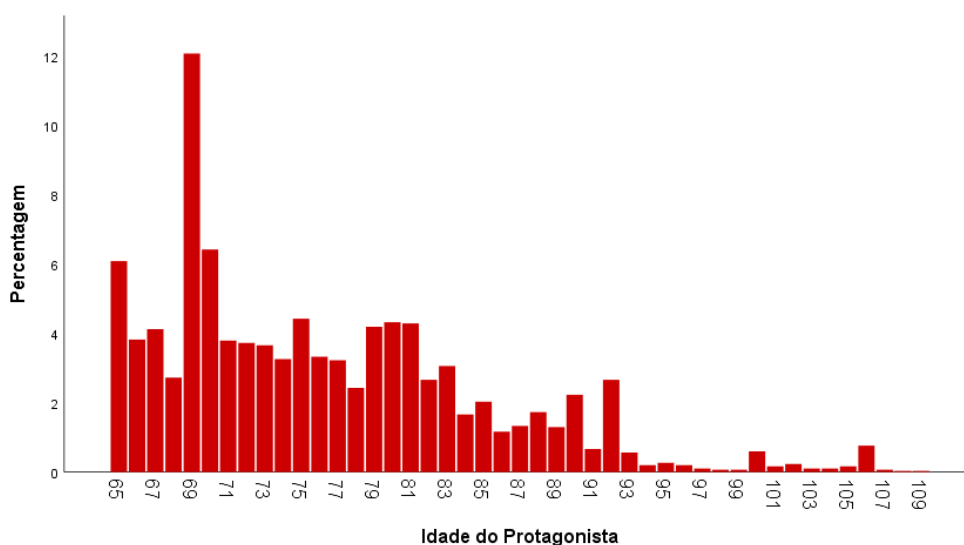


Gráfico 8 - Idade do protagonista

– Atributo

O atributo pertencente a cada protagonista demonstra-nos a característica principal pela qual as pessoas são retratadas nas notícias. O atributo mais preponderante é o da morte, com 31,1% do total (937 notícias), seguindo-se pelo atributo figura pública com 12,9% (388 notícias), o profissional (vida pública) com 11,1% (334 notícias) e o acidentado/a com 10,7% (321 notícias). Assim, os atributos mais preponderantes relacionam-se com mortes ou acidentes, notícias de cariz mais negativo, e notícias relacionadas com figuras mais conhecidas da nossa sociedade o que lhes dá mais destaque. No Gráfico 9 encontram-se todos os atributos e as suas respetivas percentagens.

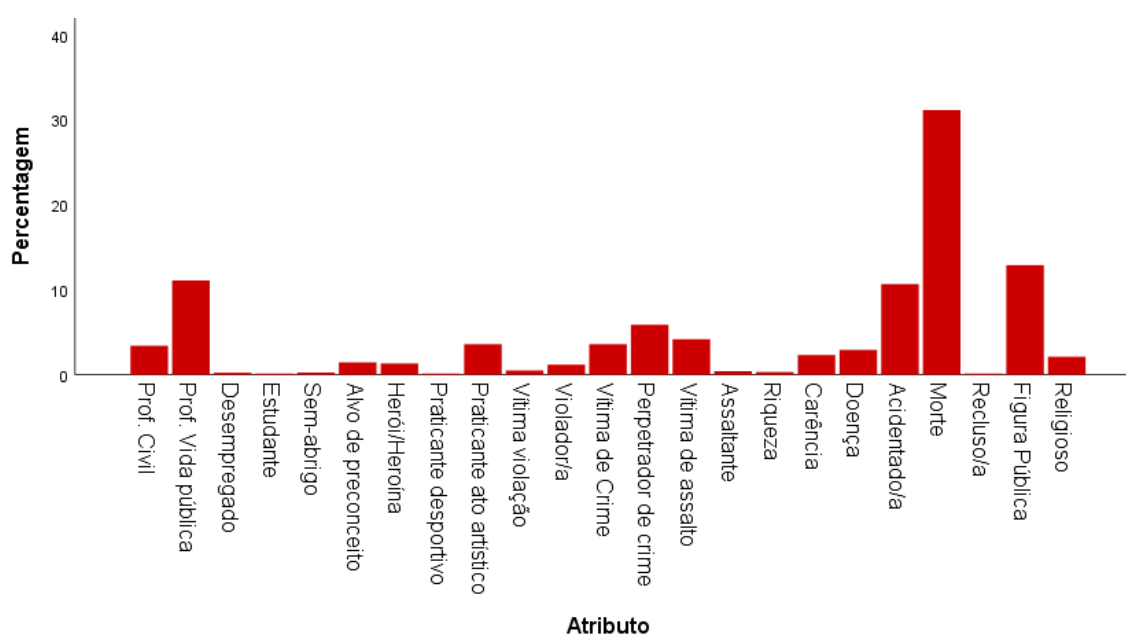


Gráfico 9 – Atributo

– Fonte

Outro aspeto em análise foi a fonte, sendo o indivíduo protagonista da notícia o próprio a ter divulgado 22,3% das notícias. Foram divulgadas por outro 24,4% de notícias, ao fornecedor de cuidados de saúde pertencem 18,2% das notícias divulgadas e ao familiar/amigo/prestador de cuidados/vizinho/a pertencem 9,8% da totalidade das notícias (Gráfico 10).

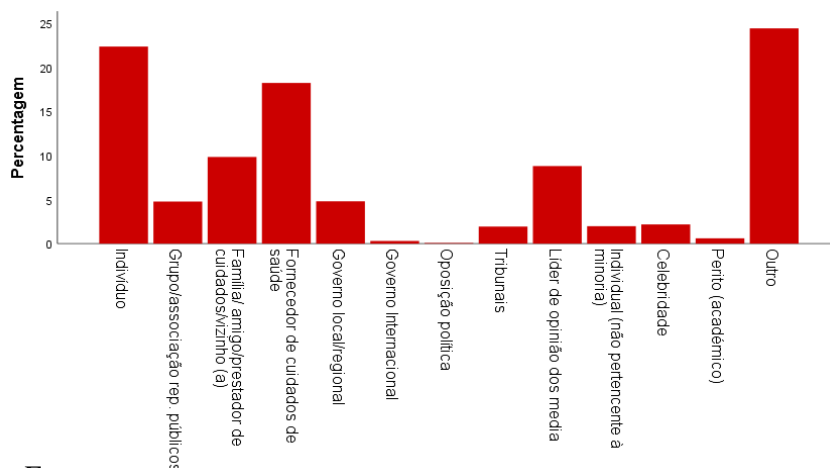


Gráfico 10 - Fonte

– Local da história/ região

Em relação ao local da história, é Portugal no geral, sem descrição específica do local, em que se encontra a maior percentagem de notícias (31,4%). É na grande Lisboa (21,8%) que se tem uma grande parte das restantes notícias seguindo-se o interior centro (9,9%) e o interior Norte (8,7%), como se verifica na Tabela 10.

Local	n	%
Grande Lisboa	656	21,8
Grande Porto	240	8,0
Interior Norte	263	8,7
Litoral Norte	216	7,2
Interior Centro	297	9,9
Litoral Centro	164	5,4
Alentejo	98	3,3
Algarve	68	2,3
Açores	17	0,6
Madeira	24	0,8
Misto Nacional	23	0,8
Geral (Portugal)	944	31,4
Total	3010	100

Tabela 10 – Local da notícia

– Direção/ enfoque

O enfoque das notícias é maioritariamente neutro (43%), com uma percentagem negativa de 38,9% de notícias e positiva de apenas 18% das notícias (Gráfico 11).

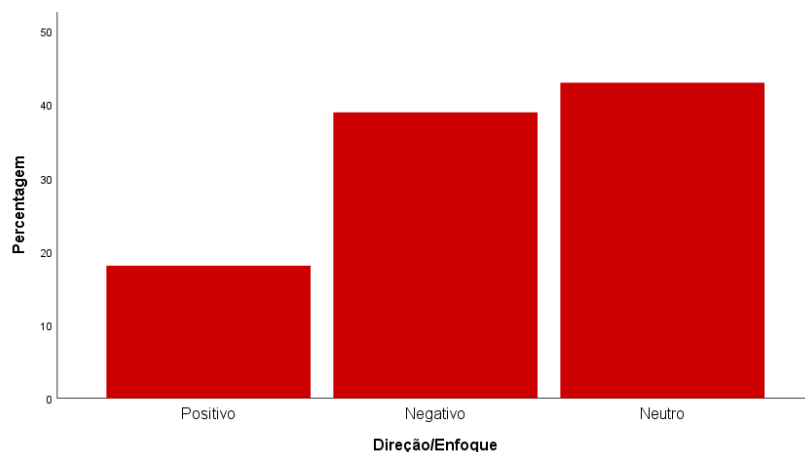


Gráfico 11 – Direção/enfoque

2.1.4 – Associação entre variáveis

Para analisar se existe alguma associação entre o jornal e o enfoque das notícias, fez-se uma tabela de contingência (Apêndice 2). No total das notícias do jornal Público, 29,4% tinham enfoque positivo, 29,6% negativo e 41% neutro; já da totalidade de notícias do DN 45,9% eram positivas, 27,5% negativas e 26,6% neutras; das notícias do JN 13,4% eram positivas, 38,3% negativas e 48,3% neutras; no total das notícias do CM, 6,8 tinham enfoque positivo, 47,1% negativo e 46,1% neutro; por fim, de todas as notícias do Expresso, 20% eram positivas, 34,4% negativas e 45,6% neutras. Ao analisar o V de Cramer² que no presente caso é de 0,258 fica demonstrado que a intensidade da relação entre o tipo de jornal e o enfoque é fraca, ou seja, não existe grande dependência entre estas duas variáveis.

Resultante desta análise, foi possível concluir que o CM é o jornal com uma maior percentagem de notícias negativas sobre as pessoas mais velhas e o DN com o maior número de notícias positivas sobre as pessoas mais velhas. Os restantes têm uma percentagem maior de notícias neutras em relação às positivas e negativas. Como já mencionado anteriormente o CM foi o jornal mais vendido nos quatro anos em análise e foi este mesmo que possuiu o maior número de notícias negativas sobre as pessoas mais velhas. Estes dados podem ser considerados preocupantes, visto que, ao serem divulgadas

² O V de Cramer varia entre 0 e 1, sendo que, 0 existe pouca dependência entre as variáveis e 1 uma dependência total entre as variáveis.

de forma tão alargada notícias negativas vão influenciar as representações das pessoas que as leem, pois como explicado no Ponto 2 as representações sociais são criadas com tudo o que existe ao nosso redor como, por exemplo, as notícias divulgadas sobre certo assunto.

Foi realizada uma outra tabela de contingência (Apêndice 3) para analisar se existia alguma associação entre o género do protagonista e o enfoque das notícias. Constatou-se que no total das notícias sobre o género masculino, 20,8% tinham um enfoque positivo, 36,3% negativo e 42,9% neutro; na totalidade das notícias relativas ao género feminino, 11% tinham enfoque positivo, 45,1% negativo e 43,9% neutro; relativamente às notícias com género não identificado 14,1% tinham enfoque positivo, 50% negativo e 35,9% neutro; em relação à notícia do género transgénero tinha um enfoque 100% negativo. Com estes dados constata-se que a maioria das notícias do género feminino, não identificado e transgénero têm um enfoque negativo e que a maioria das notícias do género masculino têm um enfoque neutro. Constata-se também que existem mais notícias negativas na totalidade do género feminino do que no género masculino, o que demonstra que as mulheres são representadas de forma mais negativa comparativamente aos homens.

Realizou-se uma terceira tabela de contingência, desta vez para analisar se existia algum tipo de associação entre o jornal e o género do protagonista (Apêndice 4). Verificou-se que no total das notícias do jornal Público 85,3% pertencem ao género masculino, 10,2% ao género feminino e os restantes 4,6% são de género não identificado; das notícias do DN 87,2% pertenciam ao género masculino, 11% ao género masculino e 1,8% de género não identificado; da totalidade de notícias pertencentes ao JN, em 63,7% o protagonista era do género masculino, 34,2% do género feminino, 2% de género não identificado e 0,1% transgénero; relativamente às notícias do CM, 63,2% pertencem ao género masculino, 35,5% ao género feminino e os restantes 1,3% são de género não identificado; já em relação ao Expresso, 91,2% das notícias pertencem ao género masculino, 5,6% ao género feminino e 3,2% são de género não identificado. Através destes dados foi possível concluir que o jornal Expresso possui quase a totalidade das suas notícias sobre o género masculino e que o Público e o DN também possuem percentagens elevadas de notícias em que os protagonistas são do género masculino. O JN e o CM são os dois jornais que possuem uma menor diferença percentual entre notícias do género masculino e do género feminino, mas apesar disso, em nenhum dos jornais há

um equilíbrio de notícias dos dois géneros e do género transgénero que apenas possui uma percentagem residual de 0,1% e só aparece em um dos cinco jornais. Estas conclusões mostram que não existe representatividade em relação ao género.

2.2 – Análise e discussão dos resultados provenientes das 30 notícias selecionadas

Após a análise anterior da informação jornalística sobre a importância das notícias sobre as pessoas mais velhas nos cinco jornais em análise, foi feita a análise qualitativa da amostra das trinta notícias selecionadas. Esta análise realizou-se através da análise de conteúdo, que é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2016, p. 33). É possível, através desta análise, caracterizar as representações sociais das pessoas mais velhas na imprensa escrita portuguesa, identificando os estereótipos e as atitudes nela presentes.

Inicialmente é feita uma breve caracterização das notícias tendo em conta os seguintes aspetos: o título da notícia, a data da sua publicação, a seção do jornal em que se encontrava, o formato de conteúdo, se possuía ou não imagem, o género do protagonista, a sua idade, o assunto da notícia e o atributo pelo qual o protagonista é notícia.

É importante destacar os títulos das notícias, pois estes fornecem informação que permite dar uma ideia geral sobre o conteúdo da mesma. As notícias vão ser referidas de seguida pelo seu número (N), respetivo título e data de publicação. Do jornal Público foram analisadas cinco notícias, da N1 à N5. Tem-se a N1 “Morreu o escritor e editor António Rebordão Navarro” (23 de abril de 2015), a N2 “Belém – um almoço para recordar a campanha” (25 de janeiro de 2017), N3 “O Presidente das quintas feiras e o dos dias todos” (dia 18 de fevereiro de 2017), N4 “O envelhecimento demográfico e as políticas públicas” (13 de março de 2017) e a N5 “ “Fui empurrado para a guitarra por um acto de rebeldia infantil” ” (25 de maio de 2017).

Passando agora para as notícias do Diário de Notícias que vão da N6 à N9. Tem-se a N6 “O cineasta para quem o cinema não existia” (3 de abril de 2015), N7 “Com abraços, com afeto no seu falar predileto que é bom comemorar” (9 de março de 2017), N8 “ “Esta sou eu, sou a Jane, e há bons motivos para termos esperança” ” (26 de maio de 2017) e a N9 “As avozinhas que dão voz à América Latina” (14 de junho de 2017).

Em relação ao Jornal de Notícias, as notícias vão da N10 à N16. Tem-se a N10 “Acidente aparatoso causa três feridos” (3 de janeiro de 2015), N11 “Idoso morto em casa

não era visto desde sábado” (27 de janeiro de 2015), N12 “ “Sei que estou na reta final da vida” ” (2 de maio de 2015), N13 “Idosa com pernas queimadas em casa” (20 de janeiro de 2017), N14 “Fortuna dos mais ricos pagaria juros da dívida pública” (21 de março de 2017), N15 “Padre mais velho de Portugal vai cumprimentar o Papa” (6 de maio de 2017) e a N16 “Homem que se sentava ao lado de condutor de trator assusta-se, cai e morre” (7 de junho de 2017).

Relativamente às notícias pertencentes ao Correio da Manhã vão desde a N17 à N29. Tem-se a N17 “Idoso em preventiva” (6 de janeiro de 2015), N18 “Corpo em poço” (9 de fevereiro de 2015), N19 “Condutor descontrolado invade Vodafone” (31 de março de 2015), N20 “Morre ao cair de escadote” (15 de abril de 2015), N21 “Tratores matam trinta pessoas” (27 de junho de 2015), N22 “Queda fatal para idosa em Alfama” (17 de fevereiro de 2016), N23 “Encontrado morto junto a trator” (6 de fevereiro de 2017), N24 “Mulher com Alzheimer desaparece” (22 de fevereiro de 2017), N25 “Idoso encontrado morto em casa” (7 de março de 2017), N26 “Idoso desaparece de lar” (21 de março de 2017), N27 “Morte de casal de idosos sob investigação da PJ” (8 de abril de 2017), N28 “Casal de idosos encarcerado após despiste violento no IC1” (30 de abril de 2017) e a N29 “Morre artista das palavras aos 83 anos” (10 de maio de 2017). A notícia correspondente ao jornal Expresso é a N30 com o título “Morreu José Mariano Gago” (18 de abril de 2015).

– Secção

Da análise das 30 notícias, como se verifica na Tabela 12, 76,7% pertencem à secção da sociedade, 13,3 a cultura/artes, 6,7% à política e 3,3% à economia.

Secção	n	%
Política	2	6,7
Economia	1	3,3
Sociedade	23	76,7
Cultura/artes	4	13,3
Total	30	100

Tabela 11 – Secção das notícias da amostra

– Formato do conteúdo

Em relação ao formato de conteúdo, foram as notícias de coluna/breve que registaram quase metade das notícias da amostra (43,3%), seguindo-se pelas reportagens (30% da amostra), notícias de opinião, notícia (de agência) e entrevista (6,7% cada), editorial e reelaboração (3,3% cada).

Formato do conteúdo	n	%
Reportagem	9	30
Opinião	2	6,7
Coluna/breve	13	43,3
Editorial	1	3,3
Correio do leitor	0	0
Notícia (de agência)	2	6,7
Reelaboração	1	3,3
Entrevista	2	6,7
Total	30	100

Tabela 12 – Formato do conteúdo das notícias da amostra

– Foto/ilustração

Em relação às notícias possuírem ou não foto/ilustração, da análise efetuada verificou-se que mais de metade (16 notícias) possuía uma imagem explícita, 10 notícias não tinham imagem e as restantes 4 notícias tinham uma imagem não explícita.

– Género do protagonista

Da análise, foi também possível verificar que 22 dos protagonistas eram do género masculino, 7 do género feminino e um não foi possível identificar o género.

– Idade do protagonista

As idades dos protagonistas variaram entre os 65 anos e os 106 anos, tendo sido as idades mais frequentes entre os 70 e os 79 anos.

– Assunto

Os assuntos das notícias sobre as pessoas mais velhas na amostra analisada dividiram-se em nove tipos. O assunto que mais vezes apareceu foi o dos casos pessoais

com 10 notícias, seguindo-se do Estado e dos insólitos com 4 notícias cada um, à segurança pública e às artes e espetáculos pertenceram 3 notícias cada e à banca/finanças, criminalidade, festividade e solenidades, ambiente, tecnologia e ciência e media tiveram cada uma delas uma notícia relativa às pessoas mais velhas.

– **Atributo**

Já em relação ao atributo do protagonista da notícia, o que mais vezes foi registado foi o da morte com 12 notícias, seguindo-se dos atributos de acidentado/a e de figura pública/mediática cada um deles com 5 notícias. Ao atributo praticante de ato artístico estão associadas 3 notícias e o profissional (civil), profissional (vida pública), perpetuador de crime, carência e doença estão associados, cada um, a uma notícia.

– **Estereótipos positivos**

Foi através da análise desta amostra de notícias dos cinco jornais entre 2014 e 2017 que foi feita a identificação dos estereótipos e atitudes nelas presentes. Começando pelos estereótipos positivos, de aspeto psicológico, foram encontrados os de “amabilidade” como demonstrado pelos excertos “assinalou a data com um almoço com os seus adversários” (N2) e “com abraços, com afeto” (N7); o de “sabedoria” como indicam os seguintes excertos: “no mesmo dia, Marcelo lançou um livro” (N2) e “leitor diário do Jornal de Notícias” (N15); “o ser de confiança” pelos excertos: “eleito Presidente fez ontem um ano” (N2), “disse Marcelo, e cumpriu” (N7) e “padre” (N15); o estereótipo da “felicidade” como demonstram os seguintes excertos: “foi um experimentador obsessivo e feliz” (N6), “Com uma vida cheia” (N12), “está feliz por estar com o Papa” (N15); e por fim o de “eterna juventude”, exemplificando-se por: “trabalhou até muito perto do fim” (N6) e “correndo a sério” (N7).

Os estereótipos positivos de aspeto social encontrados foram o de “poder político”, como demonstrado pelos excertos: “Presidente” (N2 e N3), “Político” (N7), “Ministra da Cultura do seu país” (N9), “ocupou o cargo de ministro durante mais tempo em Portugal” (N30); o estereótipo de “liberdade” através do excerto: “morreu na madrugada de ontem em sua casa” (N1) que nos mostra que o protagonista tinha liberdade para tomar decisões, uma delas de onde viver; o estereótipo de “opulência” que é demonstrado pelos excertos “empresário (...) Mercedes que conduzia” (N10) e “três homens mais ricos de Portugal” (N15); e por fim o estereótipo de “velhos merecedores”

que é exemplificado pelos seguintes excertos: “formou-se em direito (...) exerceu advocacia antes de se tornar editor literário” (N1), “doará os 45 mil euros de excedentes da campanha” (N2), “celebra 50 anos de carreira” (N5), “símbolo do cinema português, nome universal da cultura cinematográfica” (N6), “a primatóloga lendária” (N8), ““tenho feito muito pelos outros”” (N12), “o padre mais velho de Portugal” (N15), “um dos mais populares jornalistas portugueses” (N29) e “grande responsável pelo desenvolvimento exponencial da ciência portuguesa nos últimos anos” (N30).

– Estereótipos negativos

Passando agora para os estereótipos negativos, de aspeto biológico, foram encontrados o de “doença” como é exemplificado pelos seguintes excertos: “ter-se-á sentido mal e perdeu o controlo” (N10), “estava internado há várias semanas” (N29) e “cancro” (N30); e o estereótipo de “frágeis, débeis e vulneráveis” como se verifica pelos excertos: “riscos de perda de autonomia” (N4), “Discreta na sua aparência doce, quase frágil” (N8), “assustou-se e saltou do trator em andamento” (N16), “perdeu ontem o controlo do carro” (N19), “desequilibrou-se e caiu do escadote” (N20).

Os estereótipos negativos de aspeto psicológico encontrados foram os de “declínio mental” como indica o excerto “não se deve ter dado conta que tinha incendiado a roupa” (N13); e o de “doença mental” pelos excertos: “sofre de Alzheimer” (N13), “doente de Alzheimer” (N24), “sofre de Alzheimer” (N26) e “mandado de condução de Carlos a um hospital psiquiátrico” (N27).

Por fim, os estereótipos negativos de aspeto social encontrados foram os de “isolamento” com a indicação de que “vivia sozinho” (N11); e o estereótipo de “vítimas” que é descrito pelos excertos: “encontrado morto em casa” (N11), “queimaduras de 2º e 3º graus e ficou com as vias respiratórias afetadas” (N13), “vítima” (N16, N20 e N21), “queda fatal” (N22), “foi encontrado morto” (N23), “desapareceu ontem” (N24), “estava desaparecido” e foi “encontrado morto” (N25), “desapareceu no domingo” (N26), “já cadáveres” (N27), “ficaram ontem feridos com gravidade” (N28), “morreu” (N29 e N30); e o estereótipo de “velhos indignos” como demonstram os excertos: “matou a tiro de caçadeira um vizinho” (N17) e “apresentou uma queixa por violência doméstica” (N27).

– Atitudes positivas

Relativamente às atitudes, foi encontrada a atitude positiva de aspeto psicológico de “juízo crítico” como é exemplificado pelo excerto “discursos mais ou menos cétricos sobre o seu impacto no próprio mercado português” (N6).

Das atitudes positivas, de aspeto social, foram encontradas a de “grupo com saber acumulado” como demonstram os seguintes excertos: “aproveitar as capacidades das pessoas mais velhas” (N4), “não se ficou pela guitarra, aprendeu outros instrumentos” (N5), “estatuto de mais velho cineasta em atividade” (N6), “projetos que tem criado” (N8) e “mais de 20 livros, que lhe valeram distinções” (N29); a atitude de “poder de decisão” com é demonstrado pelos excertos: “um Presidente dispõe para influenciar o processo político de decisão” (N3), “nunca se aleou das questões políticas e sociais do seu país” (N9) e “presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica” (N30); e a atitude relativa a um “sistema de valores estável”, exemplificado pelos excertos: “da sua herança faz também parte essa fidelidade absoluta aos temas, enigmas e pulsões” (N6) e “ativista” (N8).

– Atitudes negativas

Não foram encontradas atitudes negativas de aspeto biológico na amostra analisada e foi encontrada uma atitude negativa de aspeto psicológico, a de “identidade de dependência” através do excerto “dependência” (N4).

As atitudes negativas de aspeto social encontradas foram as de “inúteis/sem valor” como é demonstrado pelo excerto “O envelhecimento demográfico tem impactos significativos na despesa pública com os sistemas de pensões” (N4); e a atitude de “nomes coletivos” como é exemplificado pelos excertos: “O idoso Marcelo Rebelo de Sousa” (N7), “As avozinhas” (N9), “idoso” (N11, N17, N25 e N26), “idosa” (N13 e N22), “idosos” (N27) e “casal de idosos” (N27 e N28).

– Análise síntese

Da análise dos estereótipos foi possível concluir que foram mencionados, nas trinta notícias analisadas, estereótipos positivos 29 vezes e estereótipos negativos 30 vezes, o que demonstra que não existe uma diferença significativa entre os dois. “Os estereótipos negativos das pessoas mais velhas têm sido descritos como generalizações e simplificações excessivas de características das pessoas mais velhas que produzem retratos

humilhantes e ridículos do grupo” (Miller *et al.*, 1999, p. 321), já os estereótipos positivos “são generalizações simplificadas demais que tendem a criar retratos higienizados e imagens idealizadas” (Miller *et al.*, 1999, p. 321). Deste modo, qualquer que seja o estereótipo transmitido pelas notícias vai fornecer uma representação distorcida da pessoa mais velha. Das notícias analisadas o estereótipo positivo mais encontrado foi o de “velhos merecedores”, de aspeto social, aparecendo nove vezes e está relacionado com a categorização que é feita das pessoas mais velhas que ao longo da sua vida tiveram ações, feitos, atitudes, ou outros, que os fizeram chegar à velhice como se tivessem cumprido o seu dever como cidadãos, aos olhos da sociedade. O estereótipo negativo mais frequente foi o de aspeto social de “vítimas”, que foi encontrado catorze vezes, fazendo quase metade da totalidade dos estereótipos negativos contabilizados. Este estereótipo é bastante comum, pois é associado à fase da velhice onde as pessoas são consideradas como desafortunadas e sem capacidades. Foram quantificadas um total de 59 referências de estereótipos nas 30 notícias analisadas.

Da análise das atitudes, verificou-se que a atitude positiva mais preponderante foi a de “grupo com saber acumulado” referida cinco vezes. Já a atitude negativa mais mencionada foi a de “nomes coletivos”, presente treze vezes nas trinta notícias analisadas, sendo tal como a atitude positiva de aspeto social. Foram mencionadas num total de 24 vezes as atitudes nas notícias analisadas, um número inferior, menos de metade, comparativamente aos estereótipos encontrados.

Em relação às representações sociais das pessoas mais velhas no jornal Público, estas são positivas, uma vez que, contêm quase a totalidade de estereótipos e atitudes positivas, num total de 12, contra apenas 3 estereótipos e atitudes negativas. No Diário de Notícias a maioria das notícias contém estereótipos ou atitudes positivas, num total de 15 e apenas 3 estereótipos ou atitudes negativas o que faz com que este jornal transmita representações sociais positivas das pessoas mais velhas. Relativamente ao Jornal de Notícias a maior parte das notícias contém estereótipos ou atitudes negativas, num total de 10, comparativamente com 8 estereótipos ou atitudes positivas contabilizadas, o que significa que as representações sociais transmitidas por este jornal são negativas. Já em relação ao Correio da Manhã foram contabilizados um maior número de estereótipos e atitudes negativas, um total de 25, e apenas um estereótipo e uma atitude positiva. Com estes dados conclui-se que as representações sociais das pessoas mais velhas neste jornal são negativas e com uma frequência elevada de estereótipos e atitudes negativas. Tendo

sido este o jornal mais vendido nos anos em análise percebe-se que as representações das pessoas mais velhas transmitidas foram bastante negativas perpetuando a imagem negativa socialmente institucionalizada. A notícia analisada do Expresso possuía 3 estereótipos e atitudes positivas e dois estereótipos negativos. Não é, deste modo, possível classificar de forma determinista as representações sociais como positivas ou negativas, mas apesar disso também não podem ser consideradas neutras, pois possuem estereótipos negativos.

Assim, de todos os jornais analisados verificou-se que todos eles possuem quer estereótipos quer atitudes (positivas ou negativas) sobre as pessoas mais velhas. Dois deles transmitem representações sociais positivas das pessoas mais velhas e dois deles representações sociais negativas das pessoas mais velhas. Ou seja, o Público e o DN fazem passar representações positivas contrariamente ao JN e ao CM que se destacam por serem maioritariamente negativas. O Expresso destaca-se por apresentar uma representação equilibrada entre aspetos positivos e negativos. Com todos estes dados apresentados, é possível concluir que, com a ampla presença tanto de estereótipos como de atitudes negativas as pessoas mais velhas são representadas na imprensa escrita de forma negativa.

Conclusão

Em Portugal, apesar da diminuição na sua venda, os jornais continuam a ser um importante meio de difusão de informação. No ano de 2014 foram vendidos 250 347 exemplares, em 2015 o número desceu para 234 102, em 2016 continuou a descer até aos 192 880 e em 2017 teve um número ainda mais baixo de 188 069 (PORDATA, 2018b). Nestes quatro anos o jornal mais vendido foi o Correio da Manhã (APCT, 2019).

Na presente análise, entre os anos de 2014 e 2017, foi em 2017 que se encontrou o maior número de notícias sobre as pessoas mais velhas, com uma percentagem de 40,6%. Dos cinco jornais em análise verificou-se que foi o Correio da Manhã a deter 42,3% das notícias sobre as pessoas mais velhas, quase metade da totalidade, e o Expresso o jornal com o menor número de notícias, apenas 4,2%. As notícias não foram publicadas em números significativos nas páginas de mais ênfase, como a capa-manchete (1,8%) ou na capa-destaque (4,1%), demonstrando assim a pouca relevância dada às notícias sobre as pessoas mais velhas. Relativamente à secção onde se localizam as notícias, estas estão na sua grande maioria na área da sociedade (75,7%) e são também em maior número, no seu formato de conteúdo, de coluna/breve (44,4%). Mais de metade das notícias (61,9%) possuíam imagem explícita o que lhes dá alguma evidência.

Relativamente ao principal assunto das notícias este foi o dos casos pessoais (25,7%) remetendo para assuntos de foro privado e individual. O género do protagonista foi maioritariamente masculino (71,3%), apesar de serem as mulheres que têm uma maior esperança de vida estando quantitativamente em maior número³. Em relação à percentagem dos protagonistas tendo em conta a sua idade, teve-se a maior percentagem com 69 anos (12,1%), seguindo-se dos 70 anos (6,4%) e dos 65 anos (6,1%). Como seria expectável, à medida que a idade vai avançando o número de notícias vai diminuindo. O atributo mais frequente atribuído aos protagonistas das notícias é a morte (31,1%) e os menos frequentes com a mesma percentagem (0,1%) o de estudante, praticante desportivo e recluso/a, verificando-se assim que o atributo mais frequente tem uma conotação negativa. O local, sem ser Portugal no geral, de onde mais notícias tiveram origem foi na área da grande Lisboa (21,8%). As notícias tiveram um enfoque maioritariamente neutro (43%), mas seguindo-se logo de um enfoque negativo (38,9%).

³ No ano de 2011 (último Censo realizado), o número de mulheres na faixa etária de 65 e mais anos era de 1 167 740 e dos homens de 842 324 (PORDATA, 2015a,b).

De modo a cumprir os objetivos específicos delineados foi selecionada uma amostra sendo de seguida examinada de modo a serem identificados estereótipos e atitudes e analisadas as representações sociais das pessoas mais velhas. Foram identificados os estereótipos positivos de “amabilidade”, “sabedoria”, “o ser de confiança”, “felicidade”, “eterna juventude”, “poder político”, “liberdade”, “opulência” e “velhos merecedores”. Já os estereótipos negativos identificados foram a “doença”, “frágeis, débeis e vulneráveis”, “declínio mental”, “doença mental”, “isolamento”, “vítimas” e “velhos indignos”. Em relação às atitudes, foram identificadas atitudes positivas como “juízo crítico”, “grupo com saber acumulado”, “poder de decisão” e “sistema de valores estável”. As atitudes negativas identificadas foram de “identidade de dependência”, “inúteis/sem valor” e “nomes coletivos”. “Considera-se que as atitudes e os estereótipos exercem uma forte influência na perceção e no comportamento” (Seltzer & Atchley, 1971, p. 226), o que significa que esta divulgação pelos jornais a nível nacional tem influência na perceção que se tem das pessoas mais velhas e que consequentemente também influencia no comportamento.

Tal como Moscovici (2000) constatou, as representações sociais tornam convencionais os objetos, pessoas e eventos que vão sendo encontrados ao longo da vida bem como nos são impostas com uma força irresistível. No presente caso as representações transmitidas são caracterizadas por estereótipos e atitudes que vão, deste modo, perpetuar-se na sociedade. Assim, também o idosismo prevalece em oposição à sua eliminação. Logo, destaca-se a importância de uma formação mais especializada por parte de quem divulga as notícias com o fim de acabar com esta perpetuação.

O presente trabalho de investigação pode servir de base para outros futuramente, tendo como base a análise das representações sociais e a identificação de estereótipos e atitudes. É importante destacar a relevância da continuação destes estudos na área da Gerontologia Social, de modo a aumentarem o conhecimento quer a nível científico quer a nível social levando a uma eliminação de estereótipos e atitudes sobre as pessoas mais velhas. Através desta eliminação também vão ser eliminados das representações sociais quaisquer elementos que prejudiquem o processo de envelhecimento de cada indivíduo.

Referências bibliográficas

Almeida, H. (2013). Biologia do envelhecimento: uma introdução. In C. Paúl, & O. Ribeiro (Coords.), *Manual de Gerontologia* (pp. 21-40). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas.

António, S. (2012). Envelhecimento Demográfico e Relações Intergeracionais. *Rediteia. Revista de Política Social*, 45, 139-154. Consultado em 18 de junho de 2018. Disponível em <https://www.cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/eapn/Rediteia%20-%20Envelhecimento%20Ativo.pdf>

APCT. (2019). *Análise Simples*. Consultado em 3 de junho de 2019. Disponível em http://www.apct.pt/Analise_simples.php

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. (4ª ed.). Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (1992). In Search of a Discourse on Aging: The Elderly on Television. *The Gerontologist*, 32 (3), 305–311. Consultado em 9 de outubro de 2018. Disponível em <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/32/3/305/564286?redirectedFrom=fulltext>

Bettencourt da Câmara, S. (2015). *Atitudes de futuros profissionais de serviço social face ao trabalho com a população idosa. Escala de Kogan e Relações Intergeracionais*. Tese de Doutoramento em Gerontologia. Universidade da Coruña. Espanha.

Buchholz, M., & Bynum, J. E. (1982). Newspaper Presentation of America's Aged: A Content Analysis of Image and Role. *The Gerontologist*, 22 (1), 83–88. Consultado em 9 de outubro de 2018. Disponível em <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/22/1/83/637905?redirectedFrom=fulltext>

Butler, R. (1969). Age-ism: Another Form of Bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243–246. Consultado em 2 de maio de 2018. Disponível em https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/9/4_Part_1/243/569551?redirectedFrom=fulltext

Butler, R. N. (1980). Ageism: A Foreword. *Journal of Social Issues*, 36 (2), 8-11. Consultado em 2 de maio de 2018. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/1981-01139-001>

Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. (2000). *Artigo 21º*. Consultado em 4 de março de 2019. Disponível em http://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_pt.pdf

Constituição da República Portuguesa - VII Revisão Constitucional. (2005). *Artigos 13º e 59º*. Consultado em 4 de março de 2019. Disponível em <https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaorepublicaportuguesa.aspx#art13>

Cruz, C. (2008). *A Telerealidade – Uma Abordagem Hermenêutica da Construção Social da Realidade pela Informação Televisiva da Actualidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Daniel, F., Antunes, A. & Amaral, I. (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*, 33 (3), 291-301. Consultado em 7 de abril de 2018. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000300004

Davies, L. J. (1977). Attitudes Toward Old Age and Aging as Shown by Humor. *The Gerontologist*, 17 (3), 220–226. Consultado em 3 de novembro de 2018. Disponível em <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/17/3/220/608851?redirectedFrom=fulltext>

Espírito Santo, P. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais – Gênese, Fundamentos e Problemas*. Lisboa: Edições Sílabo.

Farr, R. M. (1999). Representações Sociais: A Teoria e sua História. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* (pp. 31-59). (5ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Fealy, G., McNamara, M., Treacy, M. P., & Lyons, I. (2012). Constructing ageing and age identities: a case study of newspaper discourses. *Ageing and Society*, 32 (1), 85–102. Consultado em 13 de outubro de 2018. Disponível em

<https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/constructing-ageing-and-age-identities-a-case-study-of-newspaper-discourses/A36368F01010ACDC0468C683FB720761>

Feldman, R. S. (2001). Psicologia social. In R. S. Feldman, *Compreender a Psicologia* (pp. 606-646). Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal.

Fernandes, A. (1997). *Velhice e Sociedade*. Oeiras: Celta Editora.

Fernández-Ballesteros, R. (2013). Prefácio. In C. Paúl, & O. Ribeiro (Coords.), *Manual de Gerontologia* (pp. XV-XVI). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas.

Ferreira-Alves, J. & Novo, R. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6 (1), 65-77. Consultado em 7 de abril de 2018. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4466>

Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82 (6), 878-902. Consultado em 19 de novembro de 2018. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/2002-02942-002>

Foner, A. (1975). Age in Society. *American Behavioral Scientist*, 19 (2), 144–165. Consultado em 9 de janeiro de 2019. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/000276427501900202>

Fonseca, A. M. (2013). Desenvolvimento psicológico e processos de transição-adaptação no decurso do envelhecimento. In C. Paúl, & O. Ribeiro (Coords.), *Manual de Gerontologia* (pp. 95-106). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas.

Giddens, A. (2010a). Os Meios de Comunicação de Massa e a Comunicação em Geral. In A. Giddens, *Sociologia* (pp. 454-490). (8ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, A. (2010b). Cultura e Sociedade. In A. Giddens, *Sociologia* (pp. 20-47). (8ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Harris, A. J., & Feinberg, J. F. (1977). Television and Aging: Is What You See What You Get? *The Gerontologist*, 17 (5), 464–468. Consultado em 13 de outubro de 2018. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/1978-24877-001>

Hummert, M. L. (2011). Age stereotypes and aging. In K. W. Schaie & S. L. Willis (Eds.), *The handbooks of aging consisting of three Vols. Handbook of the psychology of aging* (pp. 249-262). San Diego, CA, US: Elsevier Academic Press. Consultado em 26 de janeiro de 2019. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/2010-26788-016>

INE. (2002). O Envelhecimento em Portugal – situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. Consultado em 13 de fevereiro de 2019. Disponível em www.app.com.pt/wp-content/uploads/2019/03/Envelhecimento-1.pdf

Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domain en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (pp. 31-61). Paris: PUF. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ – Faculdade de Educação, dez. 1993. Consultado em 2 de maio de 2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_do_minio_em_expansao

Kogan, N. (1979). Beliefs, Attitudes, and Stereotypes about Old People: A New Look on Some Old Issues. *Research on Aging*, 1 (1), 11–36. Consultado em 10 de dezembro de 2018. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/016402757911002>

Lee, M. M., Carpenter, B., & Meyers, L. S. (2007). Representations of older adults in television advertisements. *Journal of Aging Studies*, 21 (1), 23–30. Consultado em 13 de outubro de 2018. Disponível em <http://www.yorku.ca/mandell/courses/4680/pdf/Lee,%20Carpenter%20&%20Meyers%202007%20PDF%20file.pdf>

Lima, M. L. & Correia, I. (2013). Atitudes: medida, estrutura e funções. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (pp. 201-243). (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Magalhães, C., Fernandes, A., Antão, C., & Anes, E. (2010). Repercussão dos Estereótipos sobre as Pessoas Idosas. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 3 (2), 7–

16. Consultado em 7 de abril de 2018. Disponível em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2606/1/RTG_III_2.pdf

Marques, J. M., Páez, D., & Pinto, I. R. (2013). Estereótipos: antecedentes e consequências sobre os grupos. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (pp. 435-492). (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Miller, P. N., Miller, D. W., McKibbin, E. M., & Pettys, G. L. (1999). Stereotypes of the Elderly in Magazine Advertisements 1956–1996. *The International Journal of Aging and Human Development*, 49 (4), 319–337. Consultado em 26 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10696818>

Minayo, M. C. (1999). O Conceito de Representações Sociais Dentro da Sociologia Clássica. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* (pp. 89-111). (5ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250. Consultado em 2 de maio de 2018. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/ejsp.2420180303>

Moscovici, S. (1999). Prefácio. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* (pp. 7-16). (5ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Moscovici, S. (2000). The Phenomenon of Social Representations (S. Rabinovitch, Trad.). In G. Duveen (Ed.), *Social Representations – Explorations in Social Psychology* (pp. 18-77). Cambridge: Polity Press.

Nações Unidas, Departamento de Assuntos Económicos e Sociais, Divisão de População. (2017). *World Population Prospects: The 2017 Revision, Key Findings and Advance Tables*. Consultado em 6 de março de 2019. Disponível em <https://population.un.org/wpp/Publications/>

Nazareth, J. (2004). *Demografia – A Ciência da População*. Lisboa: Editorial Presença.

Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice Against Our Feared Future Self. *Journal of Social Issues*, 61 (2), 207-221. Consultado em 13 de outubro de 2018. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/2005-05438-001>

Palmore, E. (1971). Attitudes Toward Aging as Shown by Humor. *The Gerontologist*, 11 (3 Part 1), 181–186. Consultado em 26 de outubro de 2018. Disponível em https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/11/3_Part_1/181/637335?redirectedFrom=PDF

Palmore, E. B. (1982). Attitudes Toward the Aged: What We Know and Need to Know. *Research on Aging*, 4 (3), 333- 348. Consultado em 22 de abril de 2018. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0164027582004003004>

Palmore, E. (2001). The Ageism Survey: First Findings. *The Gerontologist*, 41 (5), 572-575. Consultado em 22 de abril de 2018. Disponível em <https://academic.oup.com/gerontologist/article/41/5/572/596570>

Pardal, L. & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Paúl, C. (2013). Tendências Atuais e Desenvolvimentos Futuros da Gerontologia. In C. Paúl, & O. Ribeiro (Coords.), *Manual de Gerontologia* (pp. 1-20). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas.

PORDATA. (2015a). *População residente do sexo feminino segundo os Censos: total e por grupo etário*. Consultado em 5 de agosto de 2019. Disponível em <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+do+sexo+feminino+segundo+os+Censos+total+e+por+grupo+et%C3%A1rio-21>

PORDATA. (2015b). *População residente do sexo masculino segundo os Censos: total e por grupo etário*. Consultado em 5 de agosto de 2019. Disponível em <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+do+sexo+masculino+segundo+os+Censos+total+e+por+grupo+et%C3%A1rio-20>

PORDATA. (2018a). *Índice de envelhecimento*. Consultado em 14 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-458>

PORDATA. (2018b). *Jornais e outras publicações periódicas: edições, tiragem, circulação e exemplares vendidos*. Consultado em 3 de junho de 2019. Disponível em

<https://www.pordata.pt/Portugal/Jornais+e+outras+publicações+periódicas+edições++tiragem++circulação+e+exemplares+vendidos-402-178788>

PORDATA. (2019a). *Esperança de vida à nascença: total e por sexo*. Consultado em 16 de janeiro de 2019. Disponível em [https://www.pordata.pt/Portugal/Esperança+de+vida+à+nascença+total+e+por+sexo+\(base+triénio+a+partir+de+2001\)-418-5193](https://www.pordata.pt/Portugal/Esperança+de+vida+à+nascença+total+e+por+sexo+(base+triénio+a+partir+de+2001)-418-5193)

PORDATA. (2019b). *Anos de vida saudável aos 65 anos: por sexo*. Consultado em 16 de janeiro de 2019. Disponível em <https://www.pordata.pt/Europa/Anos+de+vida+saudável+aos+65+anos+por+sexo-1590-211622>

Prieler, M., Kohlbacher, F., Hagiwara, S., & Arima, A. (2015). The representation of older people in television advertisements and social change: the case of Japan. *Ageing and Society*, 35 (4), 865–887. Consultado em 18 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/representation-of-older-people-in-television-advertisements-and-social-change-the-case-of-japan/AFFF208E740034C85AF3335DE141EF38>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (4^a ed.). Lisboa: Gradiva.

Rateau, P., Moliner, P., Abric, J. & Moliner, P. (2012). Social representation theory. In P. A. Van Lange, A. W. Kruglanski & E. T. Higgins, *Handbook of theories of social psychology*, (Vol. 2, pp. 477-497). London: SAGE Publications Ltd. Consultado em 17 de maio de 2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/292251059_Social_representation_theory

Ribas, I. & Pontes, M. (2010). Percepção dos idosos sobre episódios de discriminação social. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, (7), 144-154. Consultado em 7 de abril de 2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/319213120_Percepcao_dos_idosos_sobre_episodios_de_discriminacao_social

Riley, M. W. (1971). Social Gerontology and the Age Stratification of Society. *The Gerontologist*, 11 (1 Part 1), 79–87. Consultado em 9 de janeiro de 2019. Disponível em

https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/11/1_Part_1/79/513015?redirectedFrom=fulltext

Seltzer, M. M., & Atchley, R. C. (1971). The Concept of Old: Changing Attitudes and Stereotypes. *The Gerontologist*, 11 (3 Part 1), 226–230. Consultado em 14 de outubro de 2018. Disponível em https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/11/3_Part_1/226/637378?redirectedFrom=PDF

Silva, P. A. da (2009). *A Saúde nos Mass Media*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa.

Silvestre, M. J. (2011). *Sociologia da Comunicação – Construções teóricas e aplicações empíricas sobre os impactos dos mass media*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Smith, M. D. (1979). The Portrayal of Elders in Magazine Cartoons. *The Gerontologist*, 19 (4), 408–412. Consultado em 26 de outubro de 2018. Disponível em <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/19/4/408/684557?redirectedFrom=fulltext>

Sohnngen, M., & Smith, R. J. (1978). Images of Old Age in Poetry. *The Gerontologist*, 18 (2), 181–186. Consultado em 18 de outubro de 2018. Disponível em <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/18/2/181/626961?redirectedFrom=fulltext>

United Nations. (2019). *World Population Prospects 2019 - Highlights*. Consultado em 16 de janeiro de 2019. Disponível em https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf

Vala, J. & Castro, P. (2013). Pensamento Social e Representações Sociais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (pp. 569-602). (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wagner, W., Duveen, G., Farr, R., Jovchelovitch, S., Lorenzi-Cioldi, F., Marková, I., & Rose, D. (1999). Theory and Method of Social Representations. *Asian Journal of Social Psychology*, 2 (1), 95–125. Consultado em 19 de novembro de 2018. Disponível em

https://www.researchgate.net/publication/30522734_Theory_and_Method_of_Social_Representations

Apêndices

Apêndice 1 - Grelha de Análise

1) Informação básica

V1 – Nome do jornal

1. Público (P)
2. Diário de Notícias (DN)
3. Jornal de Notícias (JN)
4. Correio da Manhã (CM)
5. Expresso (E)

V2 – Mês

1. Janeiro
2. Fevereiro
3. Março
4. Abril
5. Maio
6. Junho

V3 – Dia do mês

De dia 1 a 31

V4 – Ano

De 2014 a 2017

2) Organização editorial

V5 – Título

Título da notícia

V6 – Lead/1º parágrafo

V7 – Enfatização

1. Capa – manchete
2. Capa – destaque
3. Página 3
4. Outras páginas ímpares
5. Páginas centrais
6. Contra-capa
7. Páginas pares

V8 – Secção

1. Política
2. Economia
3. Sociedade
4. Cultura/artes

V9 – Formato do conteúdo

1. Reportagem
2. Opinião (Comentário/análise)
3. Coluna/breve
4. Editorial
5. Correio do leitor
6. Notícia (de agência)
7. Reelaboração
8. Entrevista

V10 – Foto/ilustração

1. Sim. Imagem explícita
2. Sim. Imagem não explícita (eg. esfumada, esbatida, pessoas com rosto oculto ou em posição que não permita a identificação)
3. Não

V11 – Contagem de palavras

V12 – Assunto

1. Estado
2. Partidos políticos
3. Autarquias e políticas regionais
4. Assuntos diplomáticos
5. Banca/finanças
6. Segurança pública
7. Terrorismo/guerra
8. Trabalho
9. Dramas sociais
10. Manifestações sociais
11. Criminalidade
12. Tribunais
13. Festividades e solenidades
14. Artes e espetáculos
15. Ambiente
16. Educação
17. Saúde
18. Tecnologia e ciência
19. Religião
20. Atividades desportivas
21. Moda
22. Media
23. Gastronomia
24. Meteorologia
25. Migrações
26. Casos pessoais
27. Insólitos

V13 – Protagonismo

1. 1º plano
2. 2º plano

V14 – Continuidade

1. Sim

2. Não

V15 – Voz

0. Sem citação do/a protagonista

1. Protagonista

2. Família/amigos

3. Advogados

4. Médicos/terapeutas

5. Grupos/associações

6. Outros

V16 – Género do jornalista/repórter/autor editorial

1. Masculino

2. Feminino

3. Não identificado

3) Conteúdo: acontecimentos e contextos

V17 – Género do/a protagonista

1. Masculino

2. Feminino

3. Não identificado

4. Transgénero

V18 – Idade do/a protagonista

V19 – Atributo

1. Profissional (civil)

2. Profissional (vida pública)

3. Desempregado

4. Estudante

5. Sem-abrigo

6. Alvo de preconceito

7. Herói/heroína
8. Praticante desportivo
9. Praticante de ato artístico
10. Vítima de violação
11. Violador/a
12. Vítima de crime (nem assalto nem violação)
13. Perpetrador de crime (nem assalto nem violação)
14. Vítima de assalto
15. Assaltante
16. Riqueza
17. Carência
18. Doença
19. Acidentado/a
20. Morte
21. Recluso/a
22. Figura pública/mediática
23. Emigrante
24. Imigrante
25. Religioso

V20 – Fonte

1. Indivíduo (protagonista)
2. Grupo/associação representante dos públicos
3. Família/ amigo/ prestador de cuidados/ vizinho/a
4. Fornecedor de cuidados de saúde (médico, enfermeiro, hospital, terapeuta, autoridade pública e saúde)
5. Governo local/ regional
6. Governo internacional
7. Oposição política
8. Tribunais
9. Líder de opinião dos media (colunista/editorial)
10. Individual (não pertencente à minoria)
11. Celebridade

12. Perito (académico)

13. Educador

14. Outro

V21 – Local da história/ região

1. Grande Lisboa

2. Grande Porto

3. Interior Norte

4. Litoral Norte

5. Interior Centro

6. Litoral Centro

7. Alentejo (Alto e Baixo)

8. Algarve (Barlavento/ Sotavento)

9. Açores

10. Madeira

11. Misto Nacional

12. Geral (Portugal)

V22 – Direção/ enfoque

1. Positivo

2. Negativo

3. Neutro

V23 - Estereótipos

	Estereótipos positivos	Estereótipos negativos
Aspetos biológicos		<ul style="list-style-type: none">• Doença• Impotência sexual (sexualidade)• Fealdade (aparência física)• Frágeis, débeis e vulneráveis
Aspetos psicológicos	<ul style="list-style-type: none">• Amabilidade• Sabedoria• O ser de confiança• Felicidade	<ul style="list-style-type: none">• Declínio mental• Doença mental• Depressão

	<ul style="list-style-type: none"> • Eterna juventude 	
Aspetos sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Poder político • Liberdade • Opulência (rendimento) • Velhos merecedores 	<ul style="list-style-type: none"> • Pobreza (rendimento) • Inutilidade • Isolamento • Vítimas • Velhos indignos

V24 – Atitudes

	Atitudes positivas	Atitudes negativas
Aspetos biológicos		<ul style="list-style-type: none"> • Fisicamente doentes
Aspetos psicológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Sensatez • Juízo crítico 	<ul style="list-style-type: none"> • Mentalmente deteriorados • Identidade de dependência • Infelizes
Aspetos sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo com saber acumulado • Poder de decisão • Sistema de valores estável 	<ul style="list-style-type: none"> • Isolados • Inúteis/sem valor • Nomes coletivos

Apêndice 2 – Tabela de contingência do meio e direção/enfoque

Meio	Público		Direção/Enfoque			Total
			Positivo	Negativo	Neutro	
		Contagem	135	136	188	459
		% em Meio	29,4%	29,6%	41,0%	100,0%
		% em Direção/Enfoque	24,9%	11,6%	14,5%	15,3%
		% do Total	4,5%	4,5%	6,2%	15,3%
	DN	Contagem	200	120	116	436
		% em Meio	45,9%	27,5%	26,6%	100,0%
		% em Direção/Enfoque	36,8%	10,2%	9,0%	14,5%
		% do Total	6,6%	4,0%	3,9%	14,5%
	JN	Contagem	96	274	346	716
		% em Meio	13,4%	38,3%	48,3%	100,0%
		% em Direção/Enfoque	17,7%	23,4%	26,7%	23,8%
		% do Total	3,2%	9,1%	11,5%	23,8%
	CM	Contagem	87	599	587	1273
		% em Meio	6,8%	47,1%	46,1%	100,0%
		% em Direção/Enfoque	16,0%	51,1%	45,4%	42,3%
		% do Total	2,9%	19,9%	19,5%	42,3%
	Expresso	Contagem	25	43	57	125
		% em Meio	20,0%	34,4%	45,6%	100,0%
		% em Direção/Enfoque	4,6%	3,7%	4,4%	4,2%
		% do Total	0,8%	1,4%	1,9%	4,2%
Total		Contagem	543	1172	1294	3009
		% em Meio	18,0%	38,9%	43,0%	100,0%
		% em Direção/Enfoque	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% do Total	18,0%	38,9%	43,0%	100,0%

Apêndice 3 – Tabela de contingência do género do protagonista e direção/enfoque

			Género do Protagonista				Total
			Masculino	Feminino	Indecifrável	Transgénero	
Direção/Enfoque	Positivo	Contagem	446	88	9	0	543
		% em Direção/Enfoque	82,1%	16,2%	1,7%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	20,8%	11,0%	14,1%	0,0%	18,0%
		% do Total	14,8%	2,9%	0,3%	0,0%	18,0%
	Negativo	Contagem	779	360	32	1	1172
		% em Direção/Enfoque	66,5%	30,7%	2,7%	0,1%	100,0%
		% em Género do Protagonista	36,3%	45,1%	50,0%	100,0%	38,9%
		% do Total	25,9%	12,0%	1,1%	0,0%	38,9%
	Neutro	Contagem	920	351	23	0	1294
		% em Direção/Enfoque	71,1%	27,1%	1,8%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	42,9%	43,9%	35,9%	0,0%	43,0%
		% do Total	30,6%	11,7%	0,8%	0,0%	43,0%
Total	Contagem		2145	799	64	1	3009
	% em Direção/Enfoque		71,3%	26,6%	2,1%	0,0%	100,0%
	% em Género do Protagonista		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total		71,3%	26,6%	2,1%	0,0%	100,0%

Apêndice 4 – Tabela de contingência do meio e género do protagonista

Meio	Público		Género do Protagonista				Total
			Masculino	Feminino	Indecifrável	Transgénero	
	Público	Contagem	391	47	21	0	459
		% em Meio	85,2%	10,2%	4,6%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	18,2%	5,9%	32,8%	0,0%	15,2%
		% do Total	13,0%	1,6%	0,7%	0,0%	15,2%
	DN	Contagem	381	48	8	0	437
		% em Meio	87,2%	11,0%	1,8%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	17,8%	6,0%	12,5%	0,0%	14,5%
		% do Total	12,7%	1,6%	0,3%	0,0%	14,5%
	JN	Contagem	456	245	14	1	716
		% em Meio	63,7%	34,2%	2,0%	0,1%	100,0%
		% em Género do Protagonista	21,2%	30,7%	21,9%	100,0%	23,8%
		% do Total	15,1%	8,1%	0,5%	0,0%	23,8%
	CM	Contagem	804	452	17	0	1273
		% em Meio	63,2%	35,5%	1,3%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	37,5%	56,6%	26,6%	0,0%	42,3%
		% do Total	26,7%	15,0%	0,6%	0,0%	42,3%
	Expresso	Contagem	114	7	4	0	125
		% em Meio	91,2%	5,6%	3,2%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	5,3%	0,9%	6,3%	0,0%	4,2%
		% do Total	3,8%	0,2%	0,1%	0,0%	4,2%
Total		Contagem	2146	799	64	1	3010
		% em Meio	71,3%	26,5%	2,1%	0,0%	100,0%
		% em Género do Protagonista	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% do Total	71,3%	26,5%	2,1%	0,0%	100,0%